

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
PROGRAMA DE MESTRADO EM HOSPITALIDADE**

**O VOLUNTARIADO EM EVENTOS ESPORTIVOS E SUA
CAPACITAÇÃO PELO COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO
SOB A ÓTICA DA HOSPITALIDADE**

RODRIGO FONSECA TADINI

**São Paulo
2006**

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
PROGRAMA DE MESTRADO EM HOSPITALIDADE**

**O VOLUNTARIADO EM EVENTOS ESPORTIVOS E SUA
CAPACITAÇÃO PELO COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO
SOB A ÓTICA DA HOSPITALIDADE**

RODRIGO FONSECA TADINI

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para obtenção de título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração Planejamento e Gestão em Hospitalidade e linha de pesquisa Políticas e Gestão em Hospitalidade e Turismo da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação do Prof. Doutor Waldir Ferreira.

**São Paulo
2006**

**À minha mãe que em nenhum momento
deixou de estar ao meu lado.**

**Aos voluntários e amigos do COB, pela
lição de vida.**

À Lalá.

**“O QUE NOS FALTA É A CAPACIDADE
DE TRADUZIR EM PROPOSTA AQUILO
QUE ILUMINA A NOSSA INTELIGÊNCIA E
MOBILIZA NOSSOS CORAÇÕES: A
CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO NOVO”.**

HEBERT DE SOUZA (BETINHO)

RESUMO

O trabalho dos voluntários no esporte e sua atuação em eventos esportivos tem sido tema de debates da comunidade esportiva internacional, ganhando especial destaque após 2001 - Ano Internacional do Voluntariado. Dentro do evento esportivo, a ação voluntariada assume contornos bastante específicos. O voluntário passa a ser um agente da hospitalidade, um interlocutor entre culturas diversas, tendo a responsabilidade de integrar pessoas de diferentes hábitos, classes sociais e religiosas, a partir da prática da atividade física. No desenvolvimento e execução de grandes eventos a atuação dos voluntários é fundamental. Eles realizam tarefas diversas servindo de suporte em quase todas as áreas dentro da estrutura organizacional do evento, o que em muitas ocasiões, garante sua sustentabilidade econômica e social. Esta dissertação de mestrado analisa sob a perspectiva da hospitalidade, o programa de voluntários do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), entidade responsável pelo treinamento geral de voluntários dos principais eventos esportivos realizados no Brasil. Os procedimentos metodológicos envolvidos são: o levantamento bibliográfico, a pesquisa qualitativa e a observação participativa realizados respectivamente junto à coordenação do Programa de Voluntários do COB e no evento esportivo Travessia dos Fortes 2005. Os dados obtidos com a realização das entrevistas e com a observação participativa demonstram que temas relacionados à hospitalidade dos atores envolvidos como: recepção a portadores de necessidades especiais, confecção do manual de voluntários, educação olímpica e divulgação da cultura e atrativos locais, necessitam de um melhor tratamento dentro do processo geral de capacitação dos voluntários do COB. Como proposta recomenda-se o aprofundamento do estudo desta temática, principalmente no que se refere às motivações do voluntário de eventos esportivos.

Palavras-chave: Voluntariado. Eventos Esportivos Especiais. Hospitalidade. Treinamento. Comitê Olímpico Brasileiro.

ABSTRACT

The work of volunteers in sports and their performance in Sports Events has been the subject of several debates of the international Sports Community, rising to special prominence after 2001 – International Year of Volunteers. Within Sports Events, the volunteer action takes a really specific shape. The volunteer becomes a hospitality agent, the intermediary between different cultures, the one who has the responsibility of integrating people with different habits, social classes and religions, through the universal practice of physical activities. In the planning and execution of big events, the work of volunteers is essential. They carry through many different tasks, supporting virtually all areas within the organizational structure of the event and guaranteeing its economic and social sustainability. This thesis intends to analyze, under the perspective of hospitality, the volunteering program of the Brazilian Olympic Committee, an entity responsible for the general training of volunteers who serve in the special Sports Events held in Brazil. The methodological procedures used were: the bibliographical survey, qualitative research and also the participant observation carried through with the COB's coordination Program of Volunteers and in the sportive event "Travessia dos Fortes 2005". The data gathered with the interviews and the participant observation showed that subjects related to hospitality should receive more attention within the COB's capacitating process of volunteers, especially regarding the reception of people with special needs, the production of volunteer guides, Olympic education, and increase advertising for local attractions. As a proposal it is recommended the continuation of the study of this thesis, especially referring to motivating volunteers for sportive events.

Key Words: Volunteering. Special Sports Events. Hospitality. Training. Brazilian Olympic Committee.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 EVENTOS NO ESPORTE E A HOSPITALIDADE.....	14
1.1 Jogos Olímpicos Modernos: um espetáculo esportivo de excelência	14
1.2 O Olimpismo de Coubertin: um modelo de conduta para o esporte....	17
1.3 Contextualizando voluntariado em eventos esportivos.....	21
1.4 Eventos, hospitalidade e o espetáculo esportivo atual.....	22
CAPÍTULO 2 VOLUNTARIADO, ESPORTES E EVENTOS.....	39
2.1 Voluntariado: conceitos e práticas.....	39
2.2 O voluntário no esporte brasileiro.....	48
2.3 Trabalho voluntário e Jogos Olímpicos Modernos.....	55
CAPÍTULO 3 VOLUNTÁRIOS DO COB: UM ESTUDO DE CASO.....	60
3.1 O Comitê Olímpico Brasileiro.....	60
3.1.1 Jogos Sul-Americanos 2002, Jogos Pan-Americanos 2007 e o Programa de voluntários do Comitê Olímpico Brasileiro.....	62
3.2 O programa de voluntários do Comitê Olímpico Brasileiro.....	65
3.3 Estratégias de treinamento geral dos voluntários do COB.....	70
3.3.1 Palestras de capacitação e manual de voluntários.....	71
3.3.2 Eventos preparatórios e eventos de teste.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88
SITES DA INTERNET.....	92
FONTES DE CONSULTA.....	93
BIBLIOGRAFIA.....	94
ANEXOS.....	97
Anexo 1 – Termo de adesão e responsabilidade do COB.....	98
Anexo 2 – Manual de voluntários do COB.....	101

INTRODUÇÃO

As práticas esportivas sempre fizeram parte de minha vida. Nos primeiros anos as competições atléticas das quais participava me causavam fascínio, paixão e muito suor. Como nunca fui perseverante a ponto de me tornar um atleta de alto rendimento, acabei inconscientemente, me envolvendo com o espetáculo esportivo de outras formas. Visitava exposições, conversava com os professores de educação física, assistia aos principais programas esportivos da televisão e de certa forma me sentia envolvido e participante dos mesmos.

Já cursando a universidade, no curso de turismo, o interesse pelos esportes permaneceu constante a ponto de me dedicar a uma experiência muito interessante junto a outros estudantes, até então desconhecidos, do curso de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Particpei, junto a eles com certo êxito, de disciplinas como: Psicologia do Esporte e Organização e Administração do Desporto e da Educação Física. Tais disciplinas foram fundamentais, pois me abriram as portas para o conhecimento de uma área do esporte ainda incipiente, necessitada de estudos que relacionassem turismo e esporte, e pesquisas multidisciplinares que convergissem para o entendimento das necessidades do atleta, bem como da importância da organização e gestão dos eventos no esporte.

Neste momento estava determinado o objeto de estudo que nortearia os anos seguintes de minha vida. Os eventos, tema constante na área de turismo durante o período da graduação, seriam analisados no contexto do esporte, envolvendo assuntos como planejamento, Olimpismo e voluntariado.

No contexto dos eventos esportivos especiais, especificamente os megaeventos, ganham destaque atualmente os estudos econômicos de viabilidade das candidaturas olímpicas, os projetos de infra-estrutura e readequação das cidades, bem como a tendência de supervalorização econômica do esporte, realidade que implica em duas conseqüências principais: um deslocamento do significado inicial dos eventos esportivos, baseados nos ideais humanísticos de integração e participação através do esporte, valorizados pela filosofia Olímpica proposta pelo Barão de Coubertin e uma acentuação no processo de disputa política pela captação deste tipo de evento motivados pelas possibilidades de investimentos públicos e privados nas cidades-sede e pelo ingresso de divisas internacionais.

Em meio a tantas polêmicas relacionadas com esse processo chamado por Lovioso (2002), Proni (1998), Rubio (2001) de espetacularização do esporte, esta investigação busca outro direcionamento, não tão distante das questões econômicas, mas que também possua uma análise sobre o desenvolvimento humano através do esporte, abordando o voluntarismo nos eventos do esporte, tema pouco debatido, atual e carente de produções científicas no Brasil.

O voluntarismo em eventos está relacionado tanto com a temática econômica como com a social dos esportes. Sem a presença do voluntariado, não haveria recursos disponíveis para a realização dos grandes eventos esportivos. Por outro lado, o voluntário é um agente social atuando de forma gratuita como principal elo entre a comunidade anfitriã que hospeda e trabalha nas competições e as demais pessoas envolvidas no ambiente do evento, atletas, imprensa, treinadores, patrocinadores e turistas.

Neste sentido, buscando encontrar dentro do contexto esportivo brasileiro um objeto de estudo que fornecesse dados relevantes sobre o voluntariado nos eventos, definiu-se como objeto de estudo o Programa de Voluntários do Comitê Olímpico Brasileiro (COB).

O Programa de Voluntários do COB constitui um espaço privilegiado para conhecer as estratégias de capacitação geral do voluntariado no contexto de um evento esportivo especial, em consonância com os princípios do Olimpismo.

O Comitê Olímpico Brasileiro é a instituição que coordena o esporte Olímpico brasileiro sendo responsável pelo programa de voluntários dos maiores eventos esportivos do país, bem como, dos eventos preparatórios para os Jogos Pan-Americanos Rio 2007.

Assim, conhecer e analisar o processo geral de capacitação do voluntariado de eventos esportivos especiais no Brasil, mais especificamente do COB, sob a ótica da hospitalidade tornou-se o principal objetivo desta pesquisa.

Para concretizar esta finalidade, é concebida uma investigação que se encaminha dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa. De acordo com Dencker (2000), as pesquisas qualitativas se propõem a preencher lacunas no conhecimento, tendo na maioria das vezes caráter descritivo ou exploratório.

O enfoque metodológico escolhido para a realização da pesquisa é à modalidade do estudo de caso, com o intuito de exploração. Esse tipo de estudo

propõe uma análise intensiva e em profundidade de uma organização em particular, fornecendo informações detalhadas para o entendimento de determinada situação.

O estudo de caso pode envolver exames de registros, observações de ocorrência de fatos, entrevistas estruturadas e não estruturadas ou qualquer outra técnica de pesquisa. O objeto de estudo de caso, por sua vez, pode ser um indivíduo, um grupo, uma organização, um conjunto de organizações ou até mesmo uma situação. (DENCKER, 2000, p.127)

Os procedimentos metodológicos envolvidos são: o levantamento bibliográfico, a pesquisa qualitativa e a observação participativa.

A pesquisa bibliográfica foi realizada na biblioteca do Comitê Olímpico Brasileiro, na biblioteca da Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Campinas (Unicamp), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Gama Filho, em “sites” da internet e, em bibliotecas de órgãos públicos.

Durante a análise da bibliografia, destacou-se a compreensão dos estudos elaborados pelo Comitê Olímpico Internacional em parceria com Centros de Estudos Olímpicos espalhados pelo mundo. Nessa etapa da pesquisa foram apreendidas o maior número de informações relacionadas com a capacitação geral de voluntários e sua atuação em eventos esportivos especiais.

Outro ponto importante dentro do estudo foi à reflexão do ponto de vista teórico-conceitual, da relação entre voluntariado e hospitalidade no ambiente dos eventos esportivos especiais. Como no Brasil a literatura específica sobre o tema apresentado demonstrou-se restrita, foram utilizados alguns autores dos campos das Ciências Sociais, Ciências Administrativas, Ciências do Esporte, Comunicação, Eventos, Turismo e Terceiro Setor. Vários temas foram interpretados dentro de uma visão holística, visando compreender os aspectos mais relevantes para elucidar o tema da pesquisa.

Em relação aos valores humanísticos de Coubertin para o esporte e sua relação com os eventos esportivos atuais, assunto debatido nesta dissertação, recorro a Tavares (2004) e Proni (1997), ambos doutores em Educação Física com teses de destaque nesta área.

Tavares (2004) em sua tese “Esporte, Movimento Olímpico e Democracia: o atleta como mediador” identifica os valores e compreensões dos atletas olímpicos a respeito dos Jogos, do Olimpismo e do processo de aumento de democratização do

COI, a partir da discussão teórica sobre as várias correntes que estudam o Olimpismo.

Proni (1997) estuda o processo de mercantilização do esporte ocorrido nos últimos anos e direciona um capítulo para sua influência no esporte Olímpico. Neste contexto, o autor destaca a interferência da espetacularização do esporte na proposta esportiva de Coubertin, e a multiplicação do interesse de vários setores da economia nos eventos esportivos especiais.

Tais estudos, que se caracterizam por uma visão crítica dos excessos econômicos no esporte contemporâneo, analisam os eventos esportivos e as instituições que compõem a base do movimento olímpico.

O estudo empírico foi realizado junto à coordenação geral de voluntários do COB, a partir de entrevistas semi-estruturadas, realizadas com a Coordenadora Geral de voluntariado do COB/ Gerente Geral de voluntariado do CO-RIO, Paula Hernandez, e com a Sub-Coordenadora de voluntariado do COB, Maria Cecília Pinto Marques.

As entrevistas foram gravadas e transcritas e tiveram o objetivo de obter informações a respeito do programa de voluntários do COB e do treinamento geral fornecido aos seus voluntários. Os principais pontos do processo de capacitação questionados durante as entrevistas buscaram responder questões como:

1. Quais são as principais estratégias de treinamento do Programa de Voluntários do COB para sensibilizar, mobilizar, integrar e fortalecer o indivíduo para a ação em eventos esportivos especiais? Qual a relação delas com o Olimpismo?
2. Qual o método de capacitação utilizado pelo programa de voluntários do COB ? Ele se apóia em metodologias da administração ou do terceiro setor?
3. Qual o papel dos eventos preparatórios e de teste para o aprendizado do corpo de voluntários do COB?
4. Como o programa de capacitação dos voluntários do COB facilita as relações de Hospitalidade no contexto do evento esportivo?

(...) A entrevista é especialmente indicada para o levantamento de experiências. É preciso lembrar que uma grande parte dos conhecimentos existentes não pode ser encontrada na forma escrita, pois faz parte da experiência das pessoas. O pesquisador precisa localizar as pessoas que, em função do cargo que ocupam, de sua experiência de vida e de sua

situação em relação ao objeto de estudo, acumulam informações preciosas sobre o problema que se pretende investigar. (DENCKER, 2000, p. 138)

Cabe destaque, as dificuldades encontradas para a realização das entrevistas, quanto à definição das datas, visto que as coordenadoras do programa estão em constante trânsito entre as principais cidades do país, o estranhamento inicial por parte das entrevistadas ao fato do pesquisador não ser diretamente ligado à área de educação física e esportes, e principalmente, a tensão inicial ocasionada pelo teor das perguntas que em alguns momentos colocavam as coordenadoras do programa de voluntários do COB em posição defensiva.

A observação participativa, que consiste na participação do pesquisador na realidade de determinado grupo, foi realizada dentro do programa de voluntários do COB, mais especificamente, na execução das tarefas de organização do evento esportivo preparatório para os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 “Travessia dos Fortes – 2005”, competição que contou com o apoio de aproximadamente 50 voluntários.

Durante a observação participante o pesquisador atuou como voluntário nas áreas de inscrições de atletas, preparação dos kits, chegada, premiação e alimentação, realidade que permitiu uma maior integração com o ambiente pesquisado e a construção de um relacionamento mais próximo com a organização do evento, atletas, patrocinadores, público espectador e principalmente com os voluntários.

Neste contexto, foi possível perceber no ambiente de capacitação e na execução das tarefas em situação real, a importância do voluntário para a realização de eventos esportivos de grande porte, os pontos fortes e as lacunas no processo de treinamento do voluntariado do COB.

Segundo Suassuna (1997) a observação participativa facilita a obtenção de dados sobre situações habituais em que os membros de determinado grupo se encontram envolvidos, possibilita o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado e permite captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados.

Os dados obtidos durante a pesquisa qualitativa e a observação participante foram analisados sob o referencial da hospitalidade e tiveram o intuito de fornecer

maiores informações sobre a atuação dos voluntários do Comitê Olímpico Brasileiro em eventos esportivos organizados pela entidade.

O trabalho é organizado em três capítulos.

O primeiro capítulo disserta a respeito do ressurgimento do evento Jogos Olímpicos na era Moderna e sua ligação com a filosofia do Olimpismo, proposta educacional criada e fomentada pelo Barão de Coubertin, utilizando os Jogos Olímpicos de Verão como referencial. Posteriormente, contextualiza a ação dos voluntários dentro do espetáculo esportivo atual, refletindo sobre os elementos que influenciam diretamente o tema, com destaque para a análise da relação entre hospitalidade e voluntariado no ambiente dos eventos esportivos. Também é feita uma investigação sobre o fenômeno da mercantilização dos eventos e seus desdobramentos em setores como o do turismo e da hospitalidade.

O segundo capítulo enfoca o trabalho voluntário sob três direcionamentos. A primeira parte analisa os conceitos e práticas dos voluntários fornecendo algumas características destes indivíduos, bem como seus direitos e deveres perante a organização dos eventos esportivos especiais. A segunda descreve as principais ações do voluntariado no contexto do esporte brasileiro, procurando apresentar onde e de que forma essas ações evoluíram no país. A terceira parte narra o desenvolvimento do voluntariado de eventos esportivos especiais utilizando como ponto de partida os Jogos Olímpicos de Inverno de Lake Placid.

No terceiro capítulo é desenvolvido o estudo de caso sobre o Programa de Voluntários do Comitê Olímpico Brasileiro - COB. Iniciando-se por uma caracterização do COB, suas responsabilidades e ações, a dissertação busca compreender o cenário de atuação dos voluntários nos eventos esportivos organizados por essa entidade, assim como, as estratégias utilizadas por seus gestores para o treinamento geral dos voluntários.

CAPÍTULO 1 EVENTOS NO ESPORTE E A HOSPITALIDADE

1.1 Jogos Olímpicos Modernos: um espetáculo esportivo de excelência

A celebração dos Jogos Olímpicos permaneceu adormecida por 1500 anos.

Desde o século XVII, a idéia de reviver o evento da Grécia antiga, foi alvo de tentativas frustradas em países como: Estados Unidos, Inglaterra, França, Suécia, Alemanha e Grécia. (TAVARES, 2004)

Porém, na última década do século XIX, seu renascimento aconteceu graças, principalmente, aos esforços do pedagogo e esportista francês Barão Pierre de Coubertin.

Disposto a reformar o sistema educacional da França, Pierre de Coubertin viu no esporte, sobretudo na educação inglesa, uma fonte de inspiração para o aperfeiçoamento do ser humano.

Inicialmente, Coubertin procurava reformular o modelo educacional de seu país, com o intuito de promover paz e estabilidade para a França. Para isso buscou na Inglaterra e no modelo educacional elaborado por Thomas Arnold, que preconizava desenvolvimento moral, atividades físicas e educação social, as bases de seu projeto.

Embora de origem aristocrática Coubertin resistia à idéia e a prática de perpetuar um modelo político social que havia levado a França a três monarquias, dois impérios e três repúblicas em menos de cem anos. Por essa razão definia-se como um republicano e embora desacreditasse da política desejava promover ações que levassem à transformação de uma sociedade que lhe parecia enferma. (RUBIO, 2005, p.2)

Entretanto, o pensamento de estruturar a educação em sua pátria foi progressivamente deixado de lado.

Na verdade, Coubertin nunca demonstrou com precisão quando e porque convergiu suas atenções para a elaboração de projetos de ordem internacional em detrimento as reformas do sistema educacional francês. Acredita-se que o relativo insucesso de suas ações dentro da França, o levou a repensar suas idéias de reforma social, fazendo que Coubertin revertesse o projeto inicial criando para o seu país, numa proposta mundial como os Jogos Olímpicos. (TAVARES, 2003)

Embora não se possa definir os fatos principais desta mudança, há todo um conjunto de elementos que o aproximaram dos festivais atléticos da Grécia clássica,

fazendo com que Coubertin utilizasse a idéia olímpica na confecção de seus projetos.

A princípio, a Europa vivia um momento de euforia causada pelos surpreendentes estudos do arqueólogo alemão J. J. Wincklemann e o desenvolvimento de suas escavações em sítios arqueológicos da Grécia (Hellas).

No século VI, um terremoto arrasou parte de Olímpia e seu estádio. Depois, uma avalanche, seguida de inundações, atolou as ruínas embaixo de seis metros de terra e pedras.

Por muitos anos, Olímpia ficou esquecida. Mas, em meados do século XIX, o alemão, J. J. Wincklemann iniciou várias escavações. Em 1871, ele detectou indícios da existência de Tróia. Em 1875, com o apoio financeiro de William Chandler, foram achadas as ruínas de Olímpia. Um ano depois, já podiam ser vistos os alojamentos dos atletas. (LANCELOTTI, 1994, p. 3)

Segundo MacAloon, a fascinação européia por Olímpia se expressava em obras de arte, literatura, reconstituições históricas, expedições arqueológicas e, até mesmo na analogia entre as feiras e exposições industriais internacionais modernas e os Jogos Olímpicos da antiguidade.

Tavares (2003) destaca um estudo em especial, "*Histoire des Grecs*" (1887) de Victor Duruy, como o grande suporte ideológico de Coubertin para a compreensão dos valores dos Jogos da Antiguidade. Nesta publicação, Duruy interpreta os Jogos Antigos como uma forma de celebração da unidade cultural do povo grego então dividido pelos constantes conflitos entre as cidades-estado.

Reportando a unidade cultura da Hellas ao contexto da transformação dos estados nacionais na forma dominante de organização política do século XIX, Coubertin buscou o desenvolvimento de formas transnacionais de celebração de uma "possível" unidade cultural da humanidade (européia).

Com efeito, o esporte praticado na sociedade inglesa transformaria-se no agente propulsor de uma nova conduta social, e o Comitê Olímpico Internacional no combustível dos novos valores desportivos pelo mundo.

Assim, em 23 de junho de 1894, durante um congresso de educação e pedagogia, na Universidade de Sorbonne, em Paris, Coubertin reunido com delegados oficiais de 13 nações e 21 representantes informais de outros países, defendeu a criação de um órgão internacional que unificasse as diferentes disciplinas esportivas e que promovesse a realização, a cada quatro anos, de uma

competição internacional entre atletas amadores, ampliando para o mundo o que já havia ocorrido na história da Grécia.

Nesse dia era formado o Comitê Olímpico Internacional (COI) e estava em formação a concepção moderna do Olimpismo, filosofia que sintetiza a relação amigável entre as pessoas de diferentes países a partir da prática do esporte.

O estabelecimento do Movimento Olímpico nos idos de 1894 coincide com a criação e proliferação de um amplo espectro de organizações de cunho internacionalista, cujo principal objetivo era a promoção da paz. Isso porque, embora durante o século XIX tivesse ocorrido um grande desenvolvimento das ciências humanas e da produção de idéias, os conflitos ainda eram resolvidos de forma brutal por meio da guerra. As organizações internacionalistas buscavam a resolução de conflitos, tanto de ordem interna como externa, pelo uso da razão e das leis, e não pelas armas. Dentro dessa lógica a competição esportiva era uma forma racionalizada de conflito, sem o uso da violência. (TAVARES, 2003, apud RUBIO, 2005, p. 4)

Foi marcado, então, nesse encontro de Paris, a data para a realização dos Jogos: abril de 1896, primavera na Europa. Atenas foi a cidade escolhida para receber esse evento.

Dois anos depois, 295 atletas de 13 nações disputaram os Jogos Olímpicos na capital grega. Tratava-se de uma mistura de amadores, esportistas de segunda categoria e equipes improvisadas - sem mulheres. (LANCELOTTI, 1994)

Inicialmente, os Jogos Olímpicos da Era Moderna não foram levados a sério pelas entidades esportivas nacionais. Apesar do sucesso dos Jogos de 1896, o Movimento Olímpico enfrentaria tempos difíceis, com os Jogos de 1900 e 1904, completamente obscurecidos pelas exposições mundiais em que foram integrados.

A situação melhorou com a realização dos Jogos Olímpicos de Verão de 1906 que, utilizando o pretexto de comemorar os 10 anos da primeira edição dos Jogos, serviram para valorizar a imagem e promover os Jogos como um evento internacional por excelência.

A partir de então, os Jogos Olímpicos continuariam a ganhar audiência, tornando-se o mais importante evento desportivo do mundo. Pierre de Coubertin abandonou a presidência do COI após os Jogos Olímpicos de Verão de 1924, realizados em Paris, a sua cidade natal.

1.2 O Olimpismo de Coubertin: um modelo de conduta para o esporte

Ao contrário de qualquer outro evento internacional, os eventos desportivos caracterizados como Olímpicos estão diretamente fundamentados à uma ideologia de valores próprios, o Olimpismo.

A origem desta nova idéia de prática educacional baseada no esporte, suas nuances e objetivos se deve a produção intelectual de Pierre de Coubertin.

Filho de uma família nobre, conservadora e religiosa, Coubertin viveu na França em um período de turbulência interna, com sucessivas mudanças de regime de governo e instabilidade política, acontecimentos que interferiram em muito na construção teórica do Olimpismo.

Cabe ressaltar, que Coubertin foi muito mais atuante como um homem de ação, comprometido com suas propostas, que propriamente como um brilhante pensador dotado de extrema originalidade. (TAVARES, 2003)

Assim, sob a influência de vários autores de renome de seu tempo, o Barão construiu as bases do Olimpismo de forma eclética, dificultando a linearidade de compreensão de seus valores.

De acordo com Tavares (2003), não existe uma definição de Olimpismo abrangente, clara e precisa, o que tem gerado as mais diferentes abordagens de seu conjunto. Para Lamartine da Costa, as dificuldades de definição estão na sua origem, devido à adoção do ecletismo¹ como marco teórico do Olimpismo.

Assim como a escola eclética preconiza a construção do conhecimento a partir da legitimação pela experiência, o Olimpismo se constituiria em uma abordagem dedutiva, pela combinação eclética de elementos variados em busca de aceitação universal, legitimados pela história ou também pelos fatos. [...] O Olimpismo, como tema recorrente na vida de Coubertin, pode ser entendido como uma “obra em processo”, em permanente re-elaboração de seu “texto” em função de seu “contexto”, o que explicaria suas diversas feições. (DA COSTA, 2002, p. 66)

¹ O Ecletismo deu nome a um movimento filosófico francês, influenciado por Royer-Collard e fundado por Victor Cousin que foi a filosofia oficial das universidades francesas nas décadas de trinta e quarenta do século XIX. Entende-se por Ecletismo o método filosófico que reúne teses que embora oriundas de sistemas distintos, conciliam entre si.

No caso do Movimento Olímpico, a base a partir da qual os membros do COI podem e devem pensar as características e os objetivos do Comitê é dada antes de mais nada pelos princípios fundamentais inscritos na Carta Olímpica², em especial pelo Princípio nº 2:

Uma filosofia de vida, que exalta e combina num conjunto equilibrado, as qualidades de corpo, espírito e mente. Misturando esporte e educação, o Olimpismo busca criar um modo de vida baseado na alegria encontrada no esforço, no valor educacional do bom exemplo e no respeito aos princípios éticos universais fundamentais. (CARTA OLÍMPICA, 2001, p. 3)

Na realidade, Coubertin foi fundamentalmente um educador iluminista preocupado, como outros reformadores de seu tempo, em criar uma “lei de progresso” que transformasse os seres humanos, as instituições e a sociedade em seu sentido mais amplo, aliando educação e desporto. (TAVARES, 2003)

Firme no seu propósito, Coubertin procurou aliar o papel do esporte no modelo educacional inglês do século XIX aos fundamentos humanísticos dos jogos atléticos da Grécia clássica, propondo uma prática esportiva universal.

A combinação criativa do papel do esporte no modelo educacional inglês do séc. XIX aos fundamentos humanísticos dos jogos esportivos da Grécia clássica, resultou em uma proposta de prática esportiva universal, fundada nos conceitos de excelência e equilíbrio, condicionados por uma ética positiva, que projetou o esporte do século XX num campo de influências que se encontra bem além da realização dos Jogos Olímpicos. (DA COSTA, 1999, p. 37)

Para o Barão de Coubertin, os Jogos representavam a institucionalização da crença no esporte como um empreendimento moral e social. Neste sentido, o evento Olímpico deveria ser um verdadeiro festival, integrando esporte, arte e cultura. Nesse sentido, os Jogos Olímpicos fomentariam não só competições atléticas, mas também produções artísticas, em um ambiente de perfeita integração entre cultura física e artística, dentro e fora da vila olímpica e demais áreas de eventos.

² Carta Olímpica é o documento que resume os princípios fundamentais do Olimpismo, define a organização e funcionamento do Movimento Olímpico e fixa as condições para celebração dos Jogos.

Olimpismo é uma filosofia social que enfatiza o papel do esporte no desenvolvimento mundial, no entendimento internacional, na coexistência pacífica, e na educação social e moral. Coubertin entende que a atividade física está sujeita à universalização, colocando-se como um ponto de contato entre culturas diversas. (PARRY, 1997, apud TAVARES & DA COSTA, 1999, p.42)

Assim, passados mais de cem anos da criação do precursor do Comitê Olímpico internacional, temos que o Movimento Olímpico agrega atualmente um número de nações maior que as Nações Unidas (ONU), desenvolvendo uma política que privilegia a integração entre os povos e o combate à intolerância em todas as suas formas de existência.

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional, a essência do Movimento Olímpico é contribuir para a construção de um mundo pacífico e melhor pela educação da juventude através do esporte praticado sem discriminação de qualquer tipo, no espírito olímpico, que requer entendimento mútuo com um sentimento de amizade, solidariedade e ética.

Segundo Ambrósio (2002), pode-se afirmar que o Olimpismo é uma esperança firme tanto para a sobrevivência da humanidade quanto para a sua evolução, pois os princípios olímpicos estão voltados para o humanismo, para a integração entre os povos, raças e culturas diferentes do planeta.

O uso dos jogos a serviço da paz e do entendimento internacional são derivados da crença coubertiniana na pedagogia esportiva. Adotando uma perspectiva essencialmente racionalista, a questão da guerra e da paz era para Coubertin, em larga medida, uma questão de conhecimento, ignorância e educação.

Conseqüentemente, os Jogos serviriam para promover o patriotismo, e não o nacionalismo, em um ambiente de amizade e conciliação. Esta junção de patriotismo, entendimento internacional e paz é o que Coubertin denominou “internacionalismo”. Como demonstração deste internacionalismo, os Jogos deveriam ser um encontro onde o mundo poderia aprender a reconhecer e a respeitar as diversidades internacionais.

Apoiado em seu compromisso com o internacionalismo e os ideais universais de paz e irmandade, Coubertin e seus sucessores lutaram para isolar o Olimpismo de interferências políticas e interesses religiosos.

Assim, o internacionalismo deveria ser o estado de espírito daqueles que amam seu país e acima de tudo, que buscam unir a isto um convívio integrado com estrangeiros, professando pelas outras culturas uma atitude respeitável.

O Princípio Fundamental n.º 3 da Carta Olímpica (2001) ressalta o objetivo de superação das diferenças sociais ao propor o esporte como articulador de uma consciência para o desenvolvimento da humanidade, conforme o enunciado a seguir.

Colocar em toda a parte o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso do homem, na perspectiva de encorajar o estabelecimento de uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana.(CARTA OLÍMPICA, 1994, p. 5)

Como outros movimentos internacionalistas surgidos na virada do século XIX, o Movimento Olímpico anunciava sua natureza como universal e apolítica, tendo se estruturado para funcionar como uma organização supranacional.

No entanto, apesar de todos os esforços feitos pelo Barão de Coubertin e muitos de seus seguidores, os ideais propostos para a prática esportiva internacional no Olimpismo foram, através dos anos, passando por um processo de transfiguração, influenciado em alguns pontos pelas disputas político-econômicas no Comitê Olímpico Internacional (COI).

Como aponta Tavares (2003), “num período relativamente curto, o sistema Olímpico tornou-se parte permanente da ordem estabelecida na sociedade mundial”.

Para Proni (1998), os Jogos Olímpicos constituem o melhor exemplo de que a ótica capitalista tem transformado o esporte contemporâneo numa atividade profissional, crescentemente rentável e orientado para satisfazer a próspera indústria do entretenimento, apesar das resistências e tentativas em manter o esporte olímpico como uma competição “pura”, “limpa” de interesses comerciais, direcionada apenas para o engrandecimento da cultura física universal.

Um exemplo claro desta prática foram às denúncias de envolvimento de alguns dirigentes com tráfico de influências e suborno na candidatura da cidade norte-americana de Salt Lake City, para sede dos Jogos de inverno de 2002. (TAVARES, 2004)

De todo modo, cabe analisar, que como uma ideologia proposta no final do século XIX, o Olimpismo foi flexível a ponto de permitir adesão ampla e trabalhar como instrumento de união ante interesses contrastantes. E foi exatamente essa característica do Olimpismo, a responsável pelo boom de desenvolvimento da cultura olímpica em todo o mundo.

O ideal de Pierre de Coubertin de conagração entre nações, a partir do evento atlético quadrienal, se manteve firme e em crescimento, apesar dos conflitos ideológicos. Os treze países participantes em Atenas, 1896, cresceram para 172 nos jogos de Barcelona (1992) e 201 em Atenas(2004).

Quanto ao número de profissionais envolvidos em Atenas 2004, no caso, imprensa credenciada, atletas, comissão técnica, voluntários e seguranças, esse ultrapassou 140.000 pessoas, exigindo desta cidade-sede um planejamento do evento condizente com as normas estabelecidas pelo COI.

1.3 Contextualizando voluntariado em eventos esportivos

O esporte é uma prática cultural associada diretamente ao lazer e ao uso do tempo livre. Entretanto, diante das modificações ocorridas com esse fenômeno nos últimos 25 anos, tendo o amadorismo das competições sido suplantado pelo profissionalismo, uma nova condição de exercício profissional é apresentada no contexto do esporte, envolvendo atletas e todos os setores relacionados com a atividade.

A atividade esportiva como profissão é um fenômeno recente, posto que a profissionalização no esporte, exceto para o futebol onde isso já ocorria, só se tornou uma realidade a partir do início da década de 1980. O marco desse evento coincide com os Jogos Olímpicos de Los Angeles e os procedimentos que marcaram essa prática nas nações ricas do planeta, com fortes investimentos privados e públicos, diferem em muito dos países pobres ou em desenvolvimento onde o esporte ainda se estrutura em bases amadoras e/ou familiares. (RUBIO, 2005)

No Brasil, não tem sido diferente o processo de transformação do esporte. Depois de ter permanecido por alguns anos às margens das principais modificações relacionadas ao esporte moderno como: crescimento da indústria esportiva, apoio a novas modalidades, criação de infra-estrutura para os esportistas, participação dos atletas em um maior número de competições internacionais, captação e transmissão

de eventos esportivos especiais, o país vem passando por um processo de crescimento desta atividade.

No Brasil, o esporte e as atividades físicas cresceram com a economia em expansão, estagnada ou em crise, nos últimos 100 anos. Enquanto o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro foi de 2,25% entre 1996 e 2000, somente o do esporte chegou a 12,34. (COSTA, 2003, apud Cruz 2003, p.30)

O avanço do setor esportivo no Brasil acabou gerando uma série de discussões entre estudiosos do esporte, empresários, atletas, imprensa e a própria sociedade civil, sobre o papel do poder público no desenvolvimento de ações concretas que potencializassem este setor da economia no país, promovendo o esporte de maneira ampla nos seus mais diversos segmentos.

Dentro desta nova perspectiva que vive o esporte, o governo federal através do Ministério dos Esportes está promovendo algumas iniciativas com o intuito de fomentar uma nova política de desenvolvimento da atividade, mais adequada aos novos parâmetros do esporte. Trata-se de novos conceitos e ações que abrangem um maior número de modalidades esportivas, da recreação à competição, e visam beneficiar uma grande parcela da população, em especial aqueles social e economicamente excluídos. (MINISTÉRIO DOS ESPORTES, 2005)

Essa política está viabilizando programas como o Segundo Tempo que tem por finalidade democratizar o acesso à prática esportiva, além de estender a permanência da criança e do adolescente na escola, possibilitando o seu desenvolvimento integral, e o programa Esporte e Lazer da Cidade, projeto que procura aproveitar a infra-estrutura e os equipamentos já existentes nos municípios, disponibilizando e treinando pessoas para gerir esses espaços.

Outro tópico importante da política nacional do esporte é a revitalização de grandes eventos esportivos nacionais como os Jogos da Juventude, as Olimpíadas Escolares e os Jogos Universitários. (QUEIROZ, 2003). Cabe ressaltar que essas competições estavam perdendo, com o passar dos anos, sua tradição, enfraquecidos pela falta de apoio do setor público e ausência de patrocinadores, fatores que geravam grandes dificuldades para a montagem de toda a infra-estrutura organizacional destes eventos.

Segundo Getz (1993), os eventos esportivos podem ser definidos como acontecimentos festivos que envolvam exibições de uma modalidade desportiva ou de um conjunto delas. Em alguns casos, devido à projeção que alguns eventos esportivos adquirem, eles podem ser conceituados como eventos esportivos especiais.

Os megaeventos esportivos são a classe de principal destaque dentro da classificação dos eventos esportivos especiais. Os megaeventos são focados no mercado de turismo internacional, e têm o poder de atrair um público numeroso de visitantes, cobertura televisiva e causar impacto sobre todo o sistema organizacional de uma cidade-sede, gerando recursos que ultrapassam US\$ 500 milhões.

Os megaeventos estão na vanguarda da política de desenvolvimento econômico e social de cidades e países. Tal evidência, embora entendida dentro da perspectiva de um processo de globalização³, que amplia a competitividade entre as nações, demonstra o interesse de governos e empresários interessados em promover os negócios e a economia local utilizando-se dos eventos esportivos como grandes catalisadores de investimentos.

Os megaeventos causam diversos impactos na sociedade anfitriã podendo engendrar coesão, confiança, auto-estima social, orgulho pela conquista de sediar um acontecimento internacional importante e novas áreas públicas e privadas para práticas esportivas. Trata-se do legado social dos megaeventos que segundo os consultores e fiscais de instituições internacionais do esporte, responsáveis pela análise dos projetos esportivos de captação internacional, é um dos principais fatores para o êxito das candidaturas.

No entanto, é preciso ter em mente, e analisar acontecimentos anteriores para perceber que erros não intencionais de grandes projetos do passado, causaram sérios desgastes à imagem pública das cidades-sede e até do país. Problemas como poluição atmosférica, degradação ambiental de áreas protegidas para construção de toda a infra-estrutura fundamental, deslocamento social de populações periféricas não inseridas no projeto do megaevento, engarrafamentos de trânsito causado pelas obras viárias, destruição do patrimônio público, abuso de drogas, prostituição e processo inflacionário são problemas ocorridos nas cidades de

³ A globalização, segundo Ianni (1999), é um conjunto de transformações políticas, econômicas e sociais/culturais, que busca a integração do planeta e do pensamento em um único mercado.

Atlanta, Barcelona, Atenas que evidenciam questões negativas relacionadas ao desenvolvimento do espetáculo esportivo na atualidade.

Contudo, apesar dos riscos de insucesso na organização, os governos percebem os eventos especiais como elemento fundamental em seus planos econômicos, políticos e sociais, e hoje incentivam e promovem eventos como parte de suas ações para o desenvolvimento econômico e marketing de destino (HALL, 1997).

Para Jones (2001), os eventos podem ser uma alavanca para a divulgação internacional da cidade-sede através da exposição de mídia gerada pelo interesse crescente pelos esportes, o que pode ser bom para uma localidade caso o evento seja um sucesso, ou se transformar em um fracasso, caso ele possua falhas não aceitáveis, incondizentes com as necessidades e expectativas de todas as pessoas que compõem seu universo.

Neste sentido, Allen et al (2002) afirma que os gestores de eventos esportivos especiais devem se conscientizar da importância de promover um planejamento organizado e de longo prazo, prevendo impactos e administrando-os de forma a atingir os melhores resultados.

Para que uma cidade-sede ou país receba de maneira hospitaleira um grande fluxo de pessoas que superlotam a cidade durante períodos superiores a 20 dias, como acontece em megaeventos esportivos, é necessário organizar os vários fatores que estão relacionados com o exercício de acolher. A organização e todas as esferas públicas e privadas envolvidas no contexto do megaevento necessitam atender uma extraordinária demanda por acomodação, entretenimento, restauração e transportes, que exige dos envolvidos nos respectivos segmentos um trabalho planejado integrado.

Este desafio inclui, entre outras ações, o emprego de uma proposta ampla e consistente de voluntariado, que atue de maneira integrada durante todas as fases do evento, fornecendo aos atletas, turistas, patrocinadores, imprensa credenciada, convidados e habitantes locais, condições para que eles possam exercer da maneira mais adequada suas ações dentro do evento.

De acordo com Moragas (2001), o voluntário de eventos esportivos é uma pessoa que assume o compromisso individual e filantrópico de colaborar com o melhor de suas habilidades na organização destes acontecimentos, assumindo as

responsabilidades delegadas a ele sem receber qualquer forma de pagamento ou recompensa material.

Dentro do evento esportivo, a ação voluntariada assume contornos bastante específicos. O voluntário passa a ser um agente da hospitalidade, um interlocutor entre culturas diversas, tendo a responsabilidade de interagir com pessoas de diferentes hábitos, classes sociais e religiosas, integrando-as ao ambiente do evento.

Segundo Kofi Annan, Secretário Geral das Nações Unidas,

[...] é importante reconhecer o voluntariado como o principal alicerce do movimento olímpico, e a necessidade de promover o desenvolvimento da cultura do voluntariado, a fim de contribuir para a construção de um mundo melhor através da educação do jovem pelo esporte. (ANNAN, 2001, p.4)

A participação dos voluntários no desenvolvimento e execução de grandes eventos é fundamental. Eles realizam tarefas diversas: acompanham as equipes durante suas estadas na cidade-sede, auxiliam árbitros, juízes e chefes de delegação, atendem aos meios de comunicação, aos convidados especiais e turistas que buscam maiores informações sobre a localidade e o evento. Eles podem atuar na segurança, no serviço de imprensa, diretamente nos complexos esportivos, na área médica, no setor de alimentação, auxiliando a organização geral e a mão-de-obra contratada. (AÑÓ, 2003, tradução do autor)

Essas atividades puderam ser visualizadas na organização do voluntariado olímpico elaborada pelo Comitê Olímpico Australiano para os Jogos de Sidney 2000 que reuniu aproximadamente 45 mil voluntários (Chalip, 2001), e mais recentemente no planejamento do Campeonato Europeu de Seleções (EUROCOPA) no qual o país-sede, Portugal, contou com o auxílio de mais de 5.000 voluntários para receber mais de 350.000 visitantes.

Na Austrália, por exemplo, estatísticas governamentais mostraram que em anos não olímpicos, aproximadamente 4,5% dos voluntários australianos atuaram em benefício do esporte, doando um total 104.600,000 horas de trabalho. Esta realidade tem gerado várias discussões, encontros e conferências com o intuito de promover, recompensar, treinar e reciclar voluntários para outros eventos esportivos especiais deste país. (CHALIP, 2001, tradução do autor)

Com relação a megaeventos esportivos, cumpre salientar que o Brasil tem buscado captar esse tipo de evento como estratégia de desenvolvimento de vários setores da economia local e nacional. Entre os exemplos de projetos de captação podem ser citados: Rio-Pan 2007, Rio Olímpico 2012 e o FIFA World Cup 2014⁴.

No que concerne a megaeventos esportivos ou eventos de menor porte, os voluntários assumem papel de destaque pela gratuidade dos seus serviços, quando se leva em conta que na maioria das vezes, a falta de recursos financeiros, de infraestrutura das entidades participantes e a ausência de patrocinadores inviabilizariam a realização da maioria destes eventos.

Entretanto, os voluntários de eventos esportivos especiais, não são uma mão-de-obra totalmente gratuita. Apesar de não cobrarem pelos serviços prestados ao evento, os voluntários geram custos de hospedagem, alimentação e locomoção, valores grandiosos dependendo da relação voluntários/dias de evento.

O conhecimento de mecanismos de capacitação de voluntários para atuarem em eventos, é um dos principais passos para a implementação de uma estrutura organizacional eficaz e, conseqüentemente, o sucesso do evento esportivo.

O processo de capacitação atua no refinamento das potencialidades do voluntário. Com o treinamento, ele se torna capaz de executar tarefas técnicas imprescindíveis para a execução de atividades relacionadas ao evento esportivo, assim como é conscientizado da importância de sua participação espontânea no desenvolvimento de relacionamentos baseados no respeito às diferenças culturais e na integração entre os participantes, valores humanísticos do esporte.

Desta forma, a realização de estudos científicos sobre esse tema demonstra-se relevante no intuito de fundamentar a atuação de entidades públicas, privadas e do terceiro setor ligadas ao segmento esportivo. Fator destacado por Schwartz,

[...] diante da dimensão social que os esportes assumiram, seja na sociedade contemporânea, seja em sociedades pré-industriais, parece evidente que o estudo das competições esportivas tornou-se uma questão de extraordinária importância para a área acadêmica. (SCHWARTZ, 2004, p.3)

⁴ O Brasil sediou os Jogos Sulamericanos de 2002, obteve êxito no pleito para sede dos Jogos Pan Americanos 2007, e insucesso na campanha para sediar os Jogos Olímpicos de 2012.

O tema trabalho voluntário, por si só, já tem sido muito discutido nos últimos anos. Tal debate encontra-se num processo crescente de fortalecimento devido à importância atribuída mundialmente ao Terceiro Setor da economia⁵.

O Terceiro Setor é composto por um diversificado grupo de instituições que atuam no fornecimento de bens e serviços públicos, tendo como objetivo principal a melhoria das condições de vida de todos os indivíduos.

A preservação do meio ambiente, a prestação de serviços de assistência social, a defesa dos direitos humanos, a proteção das minorias, o desenvolvimento de pesquisas científicas são algumas das missões para as quais essas instituições são formadas, apresentando como uma de suas características mais marcantes a realização de ações cujo investimento financeiro é superior aos possíveis retornos monetários obtidos. (BETTIOL JÚNIOR, 2005)

No Brasil, estudos realizados por Teodósio (2001) e Landim (2001) apontam a abertura política brasileira como o momento inicial de uma nova fase do trabalho voluntário, agora atrelado, em muitos casos, ao Terceiro Setor da economia.

Outro impulso importante, para o fortalecimento e estruturação do trabalho voluntário no país, foi a escolha de 2001 como Ano Internacional do Voluntariado, pela Organização das Nações Unidas (ONU). Neste ano, eventos, propagandas e apresentações de projetos sociais estiveram presentes em diversos tipos de mídia. Centenas de cidadãos tiveram maior conhecimento sobre as possibilidades de atuação voluntariada, sendo que um grande número de pessoas aderiram a este tipo de ação.

São muitas as razões que levam uma pessoa a se engajar em uma ação voluntária, entretanto, essas podem ser sistematizadas em duas grandes vertentes: a pessoal e a social.

O voluntário pode agir na forma tradicional através da caridade, como uma resposta à vontade interior/pessoal espontânea de ajudar o próximo, que leva a uma ação diante de alguma situação de dificuldade ou sofrimento. Esse impulso solidário, na maioria das vezes, está alicerçado em valores espirituais e culturais.

⁵ “Terceiro Setor” é um termo com recente utilização no Brasil e no mundo. Foi empregado pela primeira vez na década de 70, por pesquisadores americanos e, a partir dos anos 80, por pesquisadores europeus, com o intuito de caracterizar um conjunto de organizações que se apresentam como uma alternativa para as desvantagens apresentadas pelo mercado, em relação à maximização do lucro, e pelo governo em relação à burocracia. (BETTIOL JÚNIOR, 2005)

A segunda vertente é de natureza social. Trata-se do olhar crítico de um voluntário diante de um problema real mais amplo que o incomoda. No impulso de melhorar tal realidade, o voluntário opta por formas de ação mais organizadas que possibilitem o fortalecimento da cidadania.

Vale destacar, que o conceito de cidadania que mais corresponde à realidade atual é aquele cujo indivíduo possui uma participação ativa na vida pública, reconhecendo a importância na escolha de seus representantes e a responsabilidade de acompanhar, fiscalizar e exigir um bom desempenho.

A cidadania é pois, a participação ativa nos assuntos da Cidade. É o fato de não ser meramente governado, mas também governante. Neste sentido a liberdade não consiste apenas em gozar de certos direitos, consiste essencialmente no fato de ser, "co-participante do governo". (CANIVEZ apud DHOME, 2002, p. 1)

Um exemplo da tomada de consciência dos problemas sociais é a doação de força de trabalho para instituições que atuam em áreas como esportes, educação e saúde. (CORULLÓN, 2005)

Assim, se, por um lado, observamos ações espontâneas e informais de cooperação baseadas em valores como solidariedade e reciprocidade, por outro (e não menos importante), temos a ação mais engajada e organizada, que propõe ações estruturais e transformadoras. Apesar de diferenciados em sua natureza (práticas tradicionais versus voluntariado estruturado / organizado), ambos os casos são exemplos de modelos de participação democrática e solidária; e ambos têm sido reconhecidos como tais, nos últimos anos. (AYRES, 2003)

Estudo recente apresentado por D'Aiuto e Bramante (2004) identifica uma maior concentração do voluntariado esportivo brasileiro inserido no âmbito social, atuando junto a clubes social-recreativos e em outras esferas da administração esportiva em termos de gestão, como no exemplo das ligas e federações esportivas.

O próprio Comitê Olímpico Brasileiro, instituição responsável pelo desenvolvimento do esporte olímpico no Brasil desde 1903, possui um grupo de voluntários trabalhando em setores administrativos de sua sede na cidade do Rio de Janeiro, cabendo destaque a participação de ex-atletas. Tal relação é vista como uma forma de re-inserção de ex-atletas no contexto do esporte e os seus resultados de suas atividades ainda são dignos de estudo.

O voluntariado no campo dos eventos esportivos especiais é um fenômeno recente no país, com intervenções episódicas e nem sempre registradas e/ou divulgadas na literatura especializada (D'AIUTO, BRAMANTE, 2004)

Por sua vez, Fok (1999) aponta os eventos esportivos especiais como momento de maior visibilidade dos voluntários no esporte, que assumem papel de destaque no planejamento e execução das atividades relacionadas e como divulgadores da cultura esportiva.

Tal reflexão se torna mais precisa, ao resgatarmos o desenvolvimento do voluntarismo em eventos esportivos especiais, estudado por Moragas (2001), a partir dos Jogos Olímpicos de Inverno de Lake Placid, na década de 80. Até então, não havia nos eventos esportivos especiais um corpo de voluntários organizado, uma proposta de inserção desta modalidade de atuação, nem mesmo uma prática integrada de treinamento que levasse em conta elementos técnicos e os valores do esporte propostos por Coubertin para a prática esportiva nos eventos olímpicos.

Atualmente é praticamente impossível encontrar algum evento do circuito olímpico internacional que não conte com o trabalho organizado dos voluntários. Isso acontece porque o próprio Comitê Olímpico Internacional (COI), dentro de uma política de resgate do ideal olímpico, credita ao voluntarismo a idealização dos principais valores do Olimpismo, encontrando no voluntário o agente de transmissão desta filosofia.

Cumprе salientar que, a visibilidade das práticas esportivas na imprensa, a presença de espectadores internacionais nos locais de competições, a maior circulação de atletas midiáticos em campeonatos, juntamente com a atual facilidade de deslocamento, têm motivado o interesse pela prática do voluntariado em eventos esportivos especiais.

Os estudos de McAloon (2001) sobre os impactos dos megaeventos esportivos em cidades-sede, apontam o voluntarismo como o grande elo de ligação entre os participantes dos eventos e a comunidade anfitriã, ou seja, os voluntários constituem a principal mão-de-obra nos diversos setores dentro desses eventos, propiciando o diálogo entre os dois universos: de quem recebe (voluntário) e o de quem é recebido (atletas, comissão técnica, visitantes, imprensa, etc.).

A interlocução que se estabelece com o visitante por meio da interferência do voluntário, é analisada nesse estudo sob a perspectiva da hospitalidade conceituada por Selwyn (2004), professor titular de antropologia do turismo no Centro para Estudos de Lazer e Turismo da Universidade de North London.

A função básica da hospitalidade é estabelecer um relacionamento ou promover um relacionamento já estabelecido. Os atos relacionados com a hospitalidade obtêm este resultado no processo de troca de produtos e serviços, tanto materiais quanto simbólicos, entre aqueles que dão hospitalidade (anfitriões) e aqueles que a recebem (os hóspedes). Uma vez que os relacionamentos necessariamente se desenvolvem dentro de estruturas morais, uma das principais funções de qualquer ato de hospitalidade é (no caso de um relacionamento já existente) consolidar o reconhecimento de que os anfitriões e os hóspedes já partilham do mesmo universo moral ou (no caso de um novo relacionamento) permitir a construção de um universo moral em que tanto o anfitrião quanto o hóspede concordam em fazer parte. (SELWYN, 2004, p. 26)

Selwyn (2004) trabalha a hospitalidade como forma de estabelecer ou manter um relacionamento. Reportando esta idéia para o contexto da organização dos eventos esportivos especiais, onde o número de pessoas de diferentes culturas envolvidas é grandioso e os diálogos interpessoais acontecem a todo o momento, parece evidente a necessidade da criação de mecanismos que facilitem a recepção dos voluntários aos outros atores do evento como forma de promover a hospitalidade.

No que se refere “a troca de produtos e serviços, tanto materiais quanto simbólicos, entre aqueles que dão hospitalidade (anfitriões) e aqueles que a recebem (os hóspedes)”, é possível fazer uma analogia com a figura do voluntário de eventos esportivos. Este age como anfitrião motivado pelo valor simbólico de participar, fazer parte, estar envolvido com o evento. A sua retribuição fica por conta de gestos de cordialidade como um aperto de mão, uma fotografia, um autógrafo ou até materialmente falando, um brinde esportivo.

Outra questão tratada por Selwyn (2004) são as estruturas morais presentes nos relacionamentos. Tal universo na prática esportiva pode ser representada pelo compartilhamento do respeito às regras e leis do esporte, ou *fair-play*.

O *fair-play*, ou ‘espírito esportivo’, ou ‘jogo limpo’, ou ‘ética esportiva’ pode ser definido como um conjunto de princípios éticos que orientam a prática esportiva, principalmente do atleta e também dos demais envolvidos com o espetáculo esportivo.

O *fair-play* presume uma formação ética e moral daquele que pratica e se relaciona com os demais atletas na competição, e que este atleta não fará uso de outros meios que não a própria capacidade para superar os oponentes. Nessas condições não há espaço para formas ilícitas que objetivem a vitória, suborno ou uso de substâncias que aumentem o desempenho.

De acordo com Turini (2002) o *fair play* é entendido como um dos principais valores do Olimpismo sendo considerado a ética do esporte moderno cujo propósito é orientar a conduta do competidor na prática esportiva.

Cabe ressaltar, que as estruturas morais nem sempre impedem que atitudes incorretas como preconceito, doping, corrupção, vandalismo e violência aconteçam no ambiente esportivo. Entretanto, na maioria das vezes, o que predomina dentro dos eventos esportivos especiais é a integração entre os personagens envolvidos, um clima de festa que ultrapassa os limites dos complexos esportivos.

No caso dos eventos olímpicos, as estruturas morais são ainda mais solidificadas, pois além das regras desportivas, existem uma série de medidas a serem tomadas visando fortalecer os ideais olímpicos de integração multirracial e de respeito às diferenças culturais.

Estas providências podem ser encontradas nos manuais de candidatura de cidades olímpicas e levam em consideração temas como: programa de voluntariado, acomodação, inserção da comunidade local, festivais culturais, acampamento da juventude, alimentação, transportes. (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2002)

(...) A hospitalidade é um dom do espaço, espaço da habitação, espaço para percorrer a pé ou para contemplação, sendo suas qualidades a superfície, a acessibilidade, o conforto, a estética, a historicidade. "Cidade hospitaleira", "rua hospitaleira", expressões da linguagem comum, que ilustram bem a doação do espaço, a doação de proteção e segurança, além de abrigo e alimentação (...). (GOUDBOUT, 2002, apud Grinover, 2002)

A relação entre treinamento de voluntários e eventos esportivos especiais foi discutida por Chalip (2001), Cashman (2001), Georgiads (2001) e Honrunbia (2001), no Simpósio Internacional "*Volunteers, Global Society and Olympic Moviment.*" Segundo esses autores, é importante equilibrar dentro do processo de treinamento de voluntários esportivos capacitação técnica, relacionada à operacionalização dos eventos, com atividades de compreensão de valores e significados em outras

culturas, promovendo o debate de temas como: inclusão e responsabilidade social, educação olímpica e multiculturalismo.

Essa visão demonstra a importância deste mecanismo como forma de transformar o processo de capacitação de voluntários em um momento de reflexão da prática esportiva na atualidade, criando parâmetros éticos de ação para o trabalho dos voluntários neste segmento em notório crescimento econômico.

1.4 Eventos, hospitalidade e o espetáculo esportivo atual

Desde que foram concebidos, em 1896, os Jogos Olímpicos modernos cresceram, ganharam símbolos e rituais próprios, transformando-se no maior festival esportivo entre nações do mundo.

Se compararmos os primeiros Jogos da era moderna, realizados no final do século XIX em Atenas (1896), aos Jogos Olímpicos de Atenas 2004, perceberemos um crescimento exponencial no número de modalidades, atletas, países e público; uma metamorfose total nas técnicas de treinamento desportivo e apoio tecnológico; uma evolução na participação feminina; e uma presença de quase todos os povos.

Entretanto, este crescimento não acontece apenas dentro dos eventos do calendário Olímpico.

Segundo Proni (1998),

Sem dúvida, a mercantilização e a espetacularização do esporte – processo que foram iniciados ainda na sociedade burguesa – foram levados à máxima potência na sociedade de massa. A ação da mídia especializada e as oportunidades criadas por um mercado publicitário em expansão certamente contribuíram para revolucionar o universo do esporte contemporâneo, particularmente em virtude da relação que se estabeleceu entre o esporte-espetáculo, a televisão e o marketing esportivo.(PRONI, 1998, p. 66)

No caso dos Jogos Olímpicos houve, nas últimas décadas, um crescimento surpreendente no número de transmissões via satélite⁶. Resultado que repercutiu diretamente no aumento do número de telespectadores e na projeção global deste megaevento.

⁶ Contribuiu para essa transformação o advento das transmissões televisivas, principalmente ao vivo a partir de 1960 em Roma, que permitiram o acompanhamento em tempo real das façanhas realizadas nas pistas, quadras, piscinas e ginásios.

As causas deste desenvolvimento estão atreladas a alguns fatores como: o aumento no número de canais especializados em esporte e seus patrocinadores; o interesse de novos consumidores em modalidades esportivas pouco tradicionais em algumas culturas, no caso do Brasil, o triatlon e a ginástica rítmica desportiva; o aumento no número de competições de menor porte abertas ao público ou transmitidas ao vivo.

Percebendo o crescimento da demanda internacional pelos esportes, a partir da década de 1980, os governos e o setor corporativo começaram a dar crescente atenção ao valor econômico e promocional deste tipo de evento⁷.

Os governos de hoje apoiam e promovem eventos como parte de suas estratégias para o desenvolvimento econômico, crescimento da nação e marketing de destino. As corporações adotam eventos como elementos essenciais em suas estratégias de marketing e de produção de imagem. (ALLEN *et al*, 2002, p. 4)

Desta forma, os eventos esportivos são vistos como uma forma de chamar a atenção sobre um Estado ou uma cidade como destino turístico, sendo o investimento no evento justificado pelo retorno obtido em promoção turística e captação de divisas.

Atualmente, a competição para sediar os Jogos Olímpicos de Verão, o maior evento esportivo do mundo, tornou-se uma verdadeira batalha internacional, envolvendo cifras que impressionam pelo valor e despertam organizações públicas e privadas a investirem de maneira incisiva para sua captação. Isto é facilmente observado pelo aumento no número de cidades candidatas aos Jogos Olímpicos de Verão.

*Os eventos alteram a estrutura temporal na qual o planejamento ocorre e se transformam em oportunidades para fazer algo inovador e melhor do que antes. Nesse contexto, os eventos podem alterar ou legitimar prioridades políticas no curto prazo e ideologias políticas e realidade sociocultural no longo prazo. (HALL, 2003, apud ALLEN *et al*, 2003, p. 12)*

Em se tratando do evento olímpico, é observada uma crescente mutação na estrutura organizacional dos Jogos e em sua natureza econômica e social: as

⁷ Durante a década de 80, havia uma crescente consciência de que os impactos econômicos de um evento especial na região receptora provavelmente excediam os gastos do governo para apoiar o evento. Tal consciência talvez tenha começado com os Jogos Britânicos de Brisbane de 1982 e influenciou uma quantidade de estudos sobre eventos durante os anos 80 e 90. (GUERRIER, 2003, p. 277)

competições atuais são organizadas por administradores profissionais, a maioria dos atletas de alto nível tem o esporte como um trabalho relativamente bem remunerado, os custos dos megaeventos são divididos entre o setor público e empresas comerciais, alguns campeões são transformados em garotos-propaganda internacionais, através das imagens produzidas e transmitidas ao vivo para todos os continentes.

Loviosolo (2000) destaca que em todas as fases do processo esportivo, desde a formação do atleta à organização do evento e transmissão do espetáculo, houve uma crescente racionalização e especialização.

Neste contexto, o planejamento de megaeventos tem ultrapassado as fronteiras do esporte e da própria cidade-sede. Várias são as medidas tomadas, investimentos no sistema viário e de transportes, saneamento, telecomunicações, infra-estrutura esportiva, turismo, capacitação de mão de obra, entre outros setores, o que muitas vezes inviabiliza a candidatura de determinadas cidades.

Candidatar-se não é um desejo ou um sonho de fácil realização. Cada vez mais exige profissionalismo e conhecimento das infinitas exigências que uma candidatura desta magnitude solicita. A cidade candidata sujeita-se a uma profunda transformação sócio-econômica e desportiva-cultural sem precedentes em sua própria história. É condição imperativa e definitiva transformar-se para candidatar-se. (KOFF, 1999, p. 71)

Muito mais que uma competição esportiva entre os principais atletas do mundo, os Jogos Olímpicos representam a disputa simultânea de 28 campeonatos mundiais.

A essa complexa operação desportiva, devem-se somar os eventos musicais, shows artísticos, exposições de arte e folclore, e os festivais olímpicos, atrações que se iniciam pelo menos 10 dias antes da data de abertura oficial dos Jogos e se estendem por pelo menos mais uma semana após o encerramento.

Jones (2001) salienta que, os mega eventos podem ser uma alavanca para o reconhecimento internacional do país sede, através de exposição de mídia, o que pode ser bom para um destino turístico caso o evento seja um sucesso ou, se transformar em um fracasso, caso o evento possua falhas perceptíveis para as delegações, familiares e demais pessoas envolvidas.

Assim, a organização da hospitalidade em um evento internacional como os Jogos Olímpicos tornou-se uma das maiores preocupações do comitê organizador

visto que exige, entre outras coisas, o respeito constante aos princípios do Olimpismo, e uma ação antecipada e progressiva de diversos segmentos sociais, visando acolher com qualidade todos os atores envolvidos no evento.

Com relação ao ato de receber o visitante, MacAloon (1995) nos remete à influência da hospitalidade da comunidade receptora como fator diferencial dos Jogos Olímpicos.

MacAloon sugere estudos sobre a “*street party*” (festa de rua) nos Jogos Olímpicos. De acordo com ele, o que acontece com quem está do lado de fora do estádio é algo surpreendente em termos de integração multicultural. “A televisão não registra esta festa. Algumas pessoas têm o ingresso e não entram no estádio por estarem inteiramente envolvidas nas manifestações externas”. (MacAloon, 2001, p. 56)

Cabe ressaltar que em alguns momentos, as manifestações nas ruas da cidade-sede não possuem nenhum tipo de relação com as propostas de atividades culturais elaboradas pelos comitês organizadores ou quaisquer setores da administração pública local.

Cruz (2002) reforça a importante ligação entre a hospitalidade e a comunidade receptora, ao analisá-la sob a ótica do turismo.

[...] como o turismo envolve deslocamento de pessoas e sua permanência temporária em locais que não são o de sua residência habitual, há uma intrínseca relação entre turismo e hospitalidade. Todo o turista está sendo, de alguma forma recebido nos lugares. O que diferencia a experiência entre um e outro turista no que se refere à hospitalidade é a forma como se dá o acolhimento no destino. (CRUZ, 2002, p.68)

Desta forma, é importante observar, que a gestão da hospitalidade proposta pela organização de um megaevento e o acolhimento da comunidade sede tem o poder de resgatar o envolvimento, a confiança e a solidariedade entre moradores e turistas (nacionais e internacionais), povos de diversas realidades sócio-culturais econômicas.

Tanto o esporte como a hospitalidade pressupõe um progressivo processo de comunicação entre pessoas. E esse processo se torna cada vez mais eficaz quando os seus símbolos e ritos são percebidos por todos os participantes, promovendo sua interação com a atmosfera do evento.

Muitos desses símbolos e ritos são de natureza local. Contudo, em determinados momentos por uma integração espontânea comum em eventos esportivos olímpicos ou por ação dos comitês organizadores, valores locais e símbolos característicos da cultura olímpica se fundem criando manifestações diferenciadas que são percebidas por boa parte dos presentes, gerando um diferencial de fascínio que atrai muitas pessoas.

De acordo com Dias (2002):

A primeira impressão daquele que chega é visual e a expressão, postura daquele que acolhe não é, então, neutra, sem função, pelo contrário tem função significativa, é a primeira mensagem para o cliente. Em poucos instantes aquele que chega elabora uma "idéia" do lugar e das pessoas e, freqüentemente, esta idéia vai perdurar. Se este primeiro encontro é ruim, talvez sejam necessários muitos dias para fazer a primeira impressão evoluir. Se ela é boa, ela poderá mascarar, naquele que chega, certas imperfeições do local de acolhimento. (DIAS, 2002, p. 42)

A manifestação de acolhimento ao turista no evento esportivo pode ser traduzida por práticas que facilitem a compra de ingressos, a chegada à cidade-sede, a entrada nos locais de competição, o acesso da imprensa, a individualidade do atleta e comissão técnica, o deslocamento do visitante em um espaço que, para ele pode ser de elevado grau de complexidade.

Outra forma de hospitalidade no ambiente desportivo se manifesta através do patrimônio imaterial representado por exemplo, pelas cerimônias de abertura e encerramento das competições. O cuidado na apresentação das características culturais do país sede, a recepção das delegações nas arenas esportivas, a ritualização e ornamentação do cenário transformam-se em mais uma forma de acolhida característica dos eventos esportivos modernos.

A questão do turismo alcançou uma posição de destaque no contexto da organização de eventos esportivos. Eventos automobilísticos como os Grandes Prêmios de Fórmula 1, 500 milhas de Indianápolis, Daitona 500; a Copa do Mundo de Futebol e Rugby; e os torneios *Grand Slan* de tênis e golfe são especificamente direcionados para o mercado de turismo internacional, gerando importantes recursos para o país anfitrião.

Ao analisar o crescimento do turismo de eventos esportivos e das transmissões de espetáculos do esporte via satélite, Loviosolo (2000) propõe que o

evento esportivo tornou-se transnacional, globalizou-se, deteriorando as fronteiras naturais e políticas.

Não raro, arrasando com formas tradicionais de diversão, salientando, portanto, uma capacidade de mobilização e recrutamento de espectadores única. Podemos dizer que se tornou um “atrator mediático” de caráter universal. Paradoxalmente, sobretudo a televisão e o próprio espetáculo esportivo, tornaram-se alvo de pesadas e diversificadas críticas. (LOVIOLO, 2000, p. 42)

Essas críticas, em grande parte, se referem ao posicionamento excessivamente econômico dado aos eventos na atualidade que muitas vezes ignoram características ambientais, culturais, e políticas das cidades-sede promovendo diversos tipos de problemas como: perda de conforto dos anfitriões, destruição de patrimônio físico e ambiental da cidade e desvio de recursos financeiros para outros fins.

Segundo Pires (2002), faz-se necessário repensar qual o papel do desporto no quadro da vida humana, sob pena dos eventos se transformarem definitivamente numa simples forma de alienação de massas, em sociedades que, nesta era da globalização dos comportamentos, caminham tendencialmente para a perda de princípios e valores.

De acordo com o mesmo autor, “o desporto do futuro só terá legitimidade se for organizado no quadro de desenvolvimento humano. Para que isso seja possível, é fundamental transformar o Olimpismo numa alavanca de desenvolvimento, efetivamente ao serviço da humanidade”. (PIRES, 2002, p. 27)

Em meio a tantas controvérsias em relação aos princípios norteadores do esporte moderno e sua real função em um planeta globalizado, um aspecto aparentemente novo vem atuando como fator de equilíbrio na temática sócio-econômica do espetáculo esportivo, trata-se do trabalho voluntário.

O voluntariado no esporte em um evento especial é uma iniciativa organizacional homogênea que fomenta valores de participação, comprometimento e integração, muito próximos à filosofia olímpica de Coubertin.

Por outro lado, o voluntário é responsável pela sustentabilidade de muitos eventos esportivos, visto que sua atuação gratuita garante a viabilidade econômica do espetáculo.

Na Alemanha em 1990 foram registrados 2,700,000 voluntários esportivos que representavam 200 milhões de horas trabalhadas anualmente. Na França foram 1,000,000 voluntários representando 300 milhões de horas, na Itália, aproximadamente 600,000 voluntários ou 151.2 milhões de horas trabalhadas. O programa de voluntariado da Copa do Mundo de Futebol da França 1998 envolveu 12,000 voluntários, os Jogos Olímpicos de Inverno de Nagano contaram com o apoio de 32,000 voluntários. Os Jogos de Albertville 9,000 voluntários. Caso o Comitê Olímpico Suíço fosse pagar por esses serviços hoje, isso representaria um custo de 1,5 bilhões de francos suíços. (BLANC, 2001, p. 121, tradução do autor)

Esses dados demonstram a importância econômica do voluntarismo moderno para a viabilidade econômica de eventos esportivos especiais como os Jogos Olímpicos, campeonatos mundiais ou continentais.

CAPÍTULO 2 VOLUNTARIADO, ESPORTES E EVENTOS

2.1 Voluntariado: conceitos e práticas

Segundo Ayres (2003), o voluntariado tem diferentes formas e significados em diferentes contextos e é fortemente influenciado pela política, cultura, religião e história de uma região. O que é tratado como voluntariado em um país, pode ser considerado trabalho sub-remunerado em outro, por exemplo. Apesar da grande amplitude de entendimentos, é possível verificar algumas características centrais do que seja uma ação voluntária.

Para este trabalho, é utilizado o conceito de voluntariado, baseado em três critérios: a espontaneidade, a finalidade humanitária do ato e a não-retribuição material.

Reportando esses fatores para o trabalho voluntário em eventos esportivos, demonstra-se pertinente fazer algumas considerações.

No que concerne à espontaneidade, apesar da atividade dever ser desempenhada pela própria vontade de quem a realiza, existem algumas relações obscuras, como, por exemplo, programas universitários que incentivam atividades voluntárias como forma de desenvolvimento curricular/estágio. Neste caso, cabe diferenciar a relação entre o serviço voluntário e o estágio não remunerado. Em ambas, não há nenhum tipo de remuneração. A motivação é que distingue uma da outra. O voluntário busca exercer sua atividade para gerar uma transformação na sociedade, fazer algo pelo outro; já o estagiário está em busca de uma experiência profissional, de se aperfeiçoar, faz algo por si, não podendo desta maneira ser caracterizado como voluntário.

Muitos estagiários podem atuar em um trabalho focado no desenvolvimento social, porém o interesse em realizá-lo, geralmente, é de cunho profissional.

Convém ressaltar, que não há interesse de desvalorizar este tipo de trabalho, mas o estágio não remunerado não se enquadra nos conceitos de voluntariado.

Algumas universidades brasileiras em associação com organizadores de eventos esportivos, lançam mão deste artifício, utilizando estudantes das áreas de saúde como “voluntários” em troca de certificados de participação autorizados, automaticamente transformados em créditos disciplinares.

Este artifício, por exemplo, é utilizado por várias universidades da cidade de Santos-SP em eventos de pedestrianismo e triatlão, visto que muitos estudantes, principalmente da área da saúde, têm dificuldades de cumprir seus créditos disciplinares em estágios regulares de maior tempo de duração.

No próprio Comitê Olímpico Brasileiro, muitas pessoas atuam como voluntários na perspectiva de futuramente fazer parte do quadro de funcionários do COB. Essa iniciativa é tomada principalmente pelos estudantes universitários do curso de Educação Física, e muitas vezes gera exibicionismo e conflitos durante a realização das atividades.

Outro ponto de reflexão é a finalidade humanitária do ato, a qual muitas vezes, é simplificada para uma ação em benefício de outra pessoa que não o próprio voluntário que realiza a atividade, embora seja notório que o trabalho voluntário traz significativos benefícios para o voluntário e para sua localidade. (LANDIM, 2001)

Em geral, as pessoas que atuam como voluntários, tornam-se mais pacientes, mais solidárias e conscientes, envolvem-se e desenvolvem a si mesmas, bem como a comunidade.

Também é importante observar que os limites da ação humanitária são amplos como as próprias interações sociais que a abrigam.

Algumas ações voltadas para o bem comum são facilmente reconhecidas como ações voluntárias (como a figura de uma pessoa que doa algumas horas de sua semana para trabalhos em ações de sua igreja), já outras se situam em terrenos fronteiriços (como a pessoa que participa de um grupo de auto-ajuda, por exemplo o Alcoólicos Anônimos; ou outra que se empenha em promover o combate à dengue em sua própria casa ou família). Considerar estes dois últimos exemplos como expressões de ação voluntária costuma gerar fervorosas discussões entre pessoas ligadas à promoção da causa em nosso país. (Ayres, 2003)

No contexto da capacitação de voluntários em eventos esportivos especiais, o treinamento, quando bem transmitido e assimilado, representa uma interessante oportunidade de desenvolvimento simultâneo de aspectos pessoais e sociais.

De acordo com Chalip (2001), dois pontos dentro do treinamento dos voluntários devem ser analisados, o legado da atividade voluntariada para o futuro dos eventos esportivos do país-sede e a importância do aprendizado no programa de voluntários como forma de transmitir à população local a sensação de pertencimento com relação ao evento.

Tanto a cidade-sede quanto o país anfitrião, são beneficiados com a organização de uma estrutura de ação para os voluntários em eventos esportivos especiais. Depois de todo o treinamento oferecido para os voluntários em eventos como os Jogos Olímpicos, o país já possui um referencial de treinamento e pessoas previamente preparadas para atuarem em outros eventos especiais. Esse fator é muito importante, pois credencia a cidade/país a captar novos eventos, diminui os custos de capacitação e cria um ambiente mais integrado de trabalho, visto que a maioria destes voluntários já se conhecem, e estão adaptados a uma filosofia de trabalho.

Quanto ao fato de pertencer, participar, o voluntário tem sido a forma encontrada pelas entidades do esporte de aproximar a comunidade local do ambiente do evento, evitando que os habitantes o critiquem e se sintam desprestigiados por estarem à margem deste processo.

A partir do momento que o voluntário é inserido e passa a conhecer e interagir com todos os atores envolvidos, existe uma modificação na sua visão a respeito do evento, bem como na sua relação com a cidade. Este passa, quando a organização demonstra-se eficiente, a apoiar e divulgar o acontecimento, favorecendo a integração dos visitantes com a população residente. A relação harmônica entre voluntários, visitantes e o próprio comitê organizador é fundamental para o desenvolvimento dos eventos esportivos especiais, visto que a atuação dos voluntários é o principal meio de promoção da hospitalidade, ao estabelecer contatos entre cidadãos, atletas, organizadores e demais pessoas envolvidas.

De acordo com Isabel Baptista (2002), é urgente transformar os espaços urbanos em lugares de hospitalidade. Segundo a autora, a hospitalidade surge como um acolhimento ético por excelência, e diz respeito a todas as práticas de acolhimento e de civilidade que permitem tornar a cidade um lugar mais humano.

O fomento das ações de hospitalidade no ambiente dos eventos, discutida por Ferreira (2005) sob a ótica das relações públicas, traz uma importante contribuição para o entendimento da relação entre voluntariado e hospitalidade.

A hospitalidade é o conjunto de atitudes e reações humanas de um relacionamento assimétrico entre quem acolhe e quem é acolhido que, por intervenção da informação e da comunicação dirigida, tem como propósito estabelecer, manter, promover, orientar e estimular um vínculo recíproco e solidário, para tornar possível a coexistência dos interesses visados. (FERREIRA, 2005, p. 7)

Assim, os gestos, a linguagem, as atitudes transformam-se em estratégias de comunicação importantes, pelas quais os voluntários exteriorizam sentimentos, vontades, idéias próprias e da organização, interagindo com outros personagens relacionados ao evento esportivo, propiciando hospitalidade ao ambiente.

Sobre a não retribuição material, última questão em análise, destaca-se o fato da realização desta atividade não dever ser motivada por ganhos monetários, muito embora reembolsos financeiros, ajudas de custo e até mesmo gratificações possam ser consideradas em alguns momentos.

Cashman (2001), em seu estudo sobre o recrutamento de voluntários para os Jogos Olímpicos de Sidney 2000, diferencia os voluntários em dois eixos principais: os voluntários de primeiro nível "*first volunteers level*" que atuam de maneira espontânea, sem receber nenhum tipo de recompensa material e os voluntários de segundo nível "*second level of volunteers*" que atuam juntamente com outros trabalhadores da organização podendo receber um salário mensal ou uma comissão por períodos limitados de trabalho.

A questão da retribuição material, segundo Cashman (2001), atraiu muitos estudantes universitários sendo benéfica para as áreas de comunicação social e recursos humanos. Entretanto, em alguns setores organizacionais internos, a questão da gratificação material causou problemas como: falta de organização, competição entre os possíveis recrutados, ausência de transparência no processo de seleção deste tipo de voluntário e principalmente, detrimento da atuação do voluntariado social/espontâneo.

Esse procedimento adotado por alguns comitês organizadores da Austrália, ampliou no contexto esportivo internacional as discussões sobre a ética do voluntariado e sua relação com o esporte contemporâneo, criando argumentos para uma discussão renovada da atividade, e o desenvolvimento de novos conceitos de voluntariado, inclusive no segmento esportivo.

Para a Organização das Nações Unidas: "O voluntário é o jovem ou o adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social ou outros campos".

Segundo a Associação Internacional de esforços Voluntários -International Association for Volunteer Efforts - IAVE: “Trata-se de um serviço comprometido com a sociedade e alicerçado na liberdade de escolha. O voluntário promove um mundo melhor e torna-se um valor para todas as sociedades”.

Conforme a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança: O voluntário, como ator social e agente de transformação, presta serviços não remunerados em benefício da comunidade; doando seu tempo e seus conhecimentos, realiza um trabalho gerado pela energia de seu impulso solidário, atendendo tanto as necessidades do próximo ou aos imperativos de uma causa, como às suas próprias motivações pessoais, sejam estas de caráter religioso, cultural, filosófico, político ou emocional.

No meio esportivo, existem poucas definições de voluntarismo, sendo elas pouco trabalhadas e restritas ao segmento de eventos, mais especificamente, aos Jogos Olímpicos.

De acordo com o glossário dos Jogos Olímpicos de Barcelona – 1992, “o voluntário é uma pessoa que assume um compromisso individual e altruístico para colaborar com a melhor de suas habilidades na organização dos Jogos Olímpicos, cumprindo tarefas designadas a ele ou a ela sem recebimento de pagamento ou recompensa de qualquer outra natureza”. (Moragas, Moreno e Peniagua, apud D’ Aiuto, 2004).

Já o “*Olympic Games Terminology*” (2004), documento oficial do COI, é mais operacional ao definir “voluntários”, considerando - os como membros não remunerados do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos – COJO, deixando subentendida a condição altruística (amor ao próximo, abnegado e desinteressado) da função. Cabe ressaltar que a atitude de altruísmo é um dos princípios essenciais do espírito original da prática esportiva do século XIX na Europa, o que inclui os ideais do Barão de Coubertin e a própria proposta de renascimento do evento Olímpico.

No contexto atual do esporte espetáculo, em que os eventos esportivos ganham a cada dia mais destaque na mídia e os voluntários tornam-se atores fundamentais para a sustentabilidade econômica e social das candidaturas para sede, é notório que conceitos de voluntariado no esporte que se restringem aos Jogos Olímpicos merecem ser revistas.

Primeiramente, existem muitos eventos esportivos especiais organizados por federações internacionais ligadas ao Comitê Olímpico Internacional que se utilizam do trabalho voluntário, e não são contempladas por essas definições, voltadas obrigatoriamente para o voluntariado dos Jogos Olímpicos. É o caso, por exemplo, de eventos internacionais como os Jogos da Amizade, Jogos Mediterrâneos, Commonwealth Games, Jogos Pan-Americanos.

Outra problemática, dentro dos conceitos apresentados, trata das motivações do voluntário, visto que no contexto dos eventos esportivos contemporâneos e do próprio desenvolvimento do voluntariado no mundo esportivo, não se pode omitir que o voluntário é beneficiado por questões de natureza não material, como: a proximidade dos atletas, a interlocução com pessoas de outras culturas, o acesso facilitado e gratuito as áreas dos eventos e demais atividades relacionadas.

Para Corullón (1996),

Uma das razões freqüentemente apontadas para o engajamento em trabalhos voluntários é que nas atividades diárias não existem muitos desafios nem realizações, nem liberdade de ação suficiente, e nas empresas em geral não existe uma missão, apenas conveniência. Também, é comum que as pessoas realizem algumas atividades socialmente úteis, como forma de retribuir à sociedade todo o conhecimento e experiência adquiridas ao longo da vida, ou apenas para ter uma ocupação do seu tempo livre, às vezes produto inclusive da situação de desemprego. Outro forte motivo alegado é a necessidade interior de fazer o bem, uma satisfação íntima pelo prazer de servir, estar bem consigo mesmo, beneficiando o outro. (CORULLÓN, 1996, p. 33)

Ao confrontar os motivos anteriormente apresentados para ação voluntária no âmbito social com o desenvolvimento da prática esportiva internacional, tanto no lazer como nas competições de alto-rendimento, é possível criar algumas conexões que revelam determinadas características dos eventos esportivos especiais que captam muitos voluntários nos dias atuais.

Primeiramente, o desafio de criar uma estrutura organizacional para bem receber pessoas de outros lugares do mundo em eventos de repercussão internacional, acaba se transformando em motivação para muitos cidadãos apaixonados pela cidade e pelo esporte em geral, se engajarem neste tipo ação.

Outro fator a destacar, é o reduzido número de dias de trabalho nestes acontecimentos. Para a maioria dos voluntários, as atividades principais ficam

concentradas nas datas próximas a realização do evento e no trans-evento. Essa característica permite que alguns dos potenciais voluntários ajustem suas férias ao período de trabalho e principalmente, não criem, na maioria das vezes, um vínculo duradouro com a instituição (comitês organizadores). O evento termina, o voluntário cumpre seu contrato e cessam-se as relações de trabalho, sem que haja um maior desgaste físico e psicológico entre a organização do evento e o voluntário.

O estudo de Domeneghetti (2001) comprova tal afirmação. Nele verificou-se que apenas 20% dos indivíduos que atuavam como voluntários em instituições permanentes conseguiram permanecer em suas respectivas atividades e desenvolver um trabalho excelente. Os outros 80% procuram no serviço voluntário a solução de seus problemas pessoais e não permanecem por períodos superiores a um ano.

Além disso, é importante ter em mente outros fatores intrínsecos, que motivam a prática do voluntariado em eventos esportivos especiais.

A cobertura da mídia é um exemplo. Algumas pessoas buscam tendenciosamente o trabalho voluntário em eventos esportivos na expectativa de aparecer nos meios de comunicação que divulgam o evento. Esse destaque pode conferir a estas pessoas status pela participação e benefícios profissionais futuros.

Outro problema comum em eventos esportivos internacionais são os voluntários que buscam festas e entretenimento no ambiente das competições.

Nesse sentido, cabe aos comitês organizadores de eventos esportivos sensibilizar, a partir do programa de treinamento, os voluntários do seu importante papel dentro do evento, bem como das suas funções e limites na execução das tarefas.

Apesar dos vários fatores motivacionais do trabalho voluntário em eventos esportivos especiais, é importante ter consciência que o voluntário tem sérios compromissos com a organização destes eventos. Cashaman (2001), Moragas (2001) Poud (2001), destacam como deveres do voluntário de eventos esportivos, as seguintes responsabilidades:

- Conhecer a instituição e/ou a comunidade onde presta serviços, levando em conta a realidade social e as tarefas que lhe foram atribuídas;

- Escolher cuidadosamente a área onde deseja atuar conforme suas identificações, interesses, objetivos e habilidades pessoais, garantindo um trabalho eficiente;
- Ser responsável no cumprimento dos compromissos contraídos livremente como voluntário. Só se comprometer com o que de fato puder fazer;
- Respeitar valores e crenças das pessoas com as quais se relaciona;
- Aproveitar as capacitações oferecidas de forma aberta e flexível;
- Atuar de maneira integrada e coordenada com a entidade ou projeto onde presta serviço;
- Manter os assuntos confidenciais em absoluto sigilo;
- Acolher de forma receptiva a coordenação de seu serviço;
- Usar de bom senso para resolver imprevistos, além de informar aos coordenadores da instituição.

Diante do desafio de atuar de forma competente na organização de eventos esportivos internacionais, o voluntário deve assumir uma atitude profissional, respeitando alguns princípios básicos de conduta como: assiduidade, pontualidade, espírito esportivo, responsabilidade, bom senso, proatividade, paciência, criatividade, flexibilidade. (MANUAL DE VOLUNTÁRIOS DO COB, 2005)

Por outro lado, os gestores do processo de treinamento do voluntariado de eventos esportivos devem estar cientes dos direitos dos voluntários, bem como da necessidade de facilitar suas ações para o benefício do esporte. São direitos dos voluntários, segundo Cashaman (2001) e Poud (2001):

- Desempenhar uma tarefa que o valorize e seja um desafio para ampliar e desenvolver habilidades;
- Ter a possibilidade de integração, como voluntário, na instituição, projeto e/ou comunidade onde presta serviços, e ter as mesmas informações que o pessoal remunerado, além de descrições claras sobre tarefas e responsabilidades;
- Participar das decisões relacionadas com seu microambiente de ação;
- Contar com os recursos indispensáveis para o trabalho voluntário;
- Respeitar os termos acordados quanto à sua dedicação, tempo doado e não ser desrespeitado na disponibilidade assumida;
- Receber reconhecimento e estímulo;
- Ter oportunidades para o melhor aproveitamento de suas capacidades, recebendo tarefas e responsabilidades de acordo com seus conhecimentos, experiência e interesse;

No Brasil, já existem instrumentos legais que fornecem as bases jurídicas das relações de trabalho entre o voluntário e as instituições do Terceiro Setor. Em 1998 o então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, sancionou a Lei nº. 9.608 que regulamentou o trabalho voluntário no Brasil. A lei dispõe em seu artigo 1º:

Considera-se serviço voluntário para fins desta lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive, mutualidade. (LEI DO SERVIÇO VOLUNTÁRIO, número 9.608, Diário Oficial da União, 18/02/98)

Este mecanismo preconiza que o trabalho voluntário seja exercido mediante a celebração de um “termo de adesão” entre o voluntário e a entidade social onde

ele vai atuar. O termo de adesão identifica o voluntário e a instituição apoiada, caracteriza o trabalho voluntário a ser efetuado e é assinado pelo voluntário e pelo responsável da entidade.

O termo de responsabilidade e adesão ao serviço voluntário elaborado pelo Comitê Olímpico Brasileiro e utilizado nos eventos organizados pelo mesmo, segue as bases da lei anteriormente apresentada, acrescentado algumas concessões por parte do voluntário quanto aos seus direitos de imagem.

Assim, o voluntário no ato da assinatura do termo, concede ao COB o direito de utilizar seu nome, voz, declarações, gravações, entrevistas e endossos para fins comerciais ou não, podendo tal direito ser exercido diretamente pelo COB ou por qualquer terceiro por ele autorizado, bem como cedido a terceiros a qualquer título, através de todo e qualquer meio e veículo de divulgação ou reprodução existentes. (Anexo 1).

2.2 O voluntário no esporte brasileiro

Antes de explicitar algumas ações sociais no contexto do esporte brasileiro é importante fazer determinadas análises sobre o voluntarismo no Brasil.

A primeira reflexão é de caráter histórico: o trabalho voluntário não é uma novidade na realidade brasileira. Ao contrário, com motivações altruísticas estimuladas, principalmente pelas diversas crenças religiosas presentes no país, muitas pessoas, ao longo de gerações, dedicam seu tempo a atividades de beneficência; ou ainda, movidos por aspirações de justiça, atuam em movimentos sociais e organizações não-governamentais, em busca de ampliar e assegurar direitos civis ou apoiar grupos que não têm recursos para resolver seus problemas específicos, como, saúde, educação, moradia etc. (GOLDBERG, 2001).

Essa primeira constatação é importante porque ajuda a desmistificar uma afirmação, constante e equivocada, sobre o comportamento de solidariedade do brasileiro, que consiste em admitir que, de forma diferente ao que ocorre em outras sociedades, onde estudos do gênero são mais freqüentes, as pessoas não se dedicam espontaneamente ao trabalho voluntário.

A diferença que se pode destacar é que, ao contrário do que se registra em países como os Estados Unidos da América, a dedicação aqui não é facilitada pela existência de organizações e de canais de acesso bem estruturados, nem é

estimulada pelo reconhecimento social e pelo apoio constante, que reforcem a auto-estima e o sentimento de gratificação do voluntário. (AYRES, 2003)

Segundo Corullón (1996) sempre existiu entre os brasileiros um voluntariado generoso, criativo e capilarizado por toda a sociedade. Em todas as cidades existem organizações que contam com o apoio de voluntários, oriundos das diferentes camadas sociais. Entretanto, o voluntariado organizado e cidadão é um fenômeno recente no país.

Em 1996, o Programa Voluntários promoveu um amplo processo de consulta com a participação de centenas de organizações da sociedade civil, movimentos sociais, clubes de serviços, entidades filantrópicas, empresas, universidades, associações comunitárias e prefeituras. Estes seminários exploratórios serviram para o reconhecimento da situação do voluntariado no Brasil, que à época era marcado pelos seguintes problemas:

- desgaste do conceito de voluntariado na opinião pública, em função de sua assimilação a ações de cunho assistencial, executadas de modo improvisado e desvinculadas dos processos de construção da cidadania e de fortalecimento da sociedade civil;
- ausência de infra-estruturas de apoio e de instituições especificamente dedicadas à promoção e ao fortalecimento do voluntariado tanto em âmbito nacional quanto local;
- isolamento, falta de diálogo e de hábito de trabalho em parceria entre instituições promotoras do voluntariado, com a conseqüente perda de eficiência, escala e continuidade nos programas de ação voluntária;
- escassez e inadequação das instâncias de formação e capacitação em trabalho voluntário bem como das oportunidades de intercâmbio de experiências;
- ausência de um trabalho sistemático de produção e difusão de conhecimentos e informações sobre estratégias e metodologias de trabalho

voluntário, suscetível de melhorar a qualidade do planejamento e gerenciamento de programas de voluntariado;

- desinteresse tanto do setor privado empresarial quanto da área governamental pela temática do voluntariado enquanto fator de desenvolvimento e inclusão social.

A partir deste diagnóstico que traduziu a situação do voluntariado no Brasil (1996), ficou notório a centralidade do tema treinamento e as diferentes problemáticas relacionadas com o processo de capacitação dos voluntários, principalmente quando relacionadas à falta de comunicação e de troca de experiências entre as entidades que promovem este tipo de ação.

Atualmente, segundo Ayres (2003) é observada uma realidade diferente no cenário do voluntariado no Brasil, sendo possível observar os seguintes avanços nesta causa:

- a maior valorização do voluntariado pela sociedade brasileira como expressão de uma cidadania participativa e responsável, capaz de assumir responsabilidades por si ao invés de esperar tudo do Estado;
- o crescente envolvimento de grupos vulneráveis da população como sujeitos – e não só beneficiários – de ações voluntárias;
- a inclusão do voluntariado empresarial como componente indispensável das estratégias de responsabilidade social corporativa;
- a realização pelos mais importantes meios de comunicação do país de campanhas inovadoras de informação e promoção do voluntariado.

Convém ressaltar que esses avanços não teriam sido possíveis sem a interação e troca de informações e conhecimentos entre as diversas lideranças e organizações dedicadas às questões sociais.

A própria sensibilização da comunidade tem impulsionado o reconhecimento do trabalho voluntário em diversas áreas, como forma de preencher as lacunas sociais deixadas pelas entidades públicas. Assim, muitas pessoas assumem, no decorrer dos anos, uma dupla atividade, atuando como assalariados nos mais diversos tipos de empregos e voluntários em instituições sociais.

Contudo, há que se dizer, que as características mais predominantes das relações de trabalho assalariado e do clima organizacional no Brasil, seja no ambiente profissional ou acadêmico⁸, não estabelecem condições tão favoráveis para que muitos estudantes e trabalhadores manifestem esse tipo de ação. Principalmente, em anos mais recentes, nos quais boa parte dos trabalhadores têm sido atingidos por mudanças radicais, que afetam diretamente o quadro de colaboradores, com demissões maciças e diminuição das perspectivas de crescimento profissional.

Outra reflexão importante quanto ao voluntarismo no país, diz respeito a multivariabilidade de formas de ação, visto que a atividade dos voluntários não é restrita a uma área específica. A ampla diversidade é um elemento que facilita a decisão espontânea e a própria incorporação em um programa de voluntariado brasileiro. (GOLDBERG, 2001)

Cumprir pontuar que no ambiente esportivo brasileiro, o trabalho voluntário encontra-se em um momento de desenvolvimento devido à demanda por pessoas que auxiliem gratuitamente em atividades desta natureza. Entretanto, não existem metodologias específicas para o treinamento deste tipo de voluntário, tampouco estudos que analisem o perfil deste ator e suas relações de trabalho.

A falta de pesquisas relacionadas com o voluntarismo no esporte brasileiro é evidente até mesmo no Comitê Olímpico Brasileiro, entidade constituída em sua fundação apenas por voluntários.

O COB, por exemplo, não possui em seus arquivos, documentos que relatem as ações destes pioneiros para o desenvolvimento do esporte Olímpico no

⁸ Pesquisa realizada, em 2003, pelo Portal Universia Brasil, em parceria com a H2R Pesquisas Avançadas - na qual foram entrevistados 882 estudantes em dez capitais do Brasil - detectou que apenas 21% dos universitários brasileiros participam de algum programa social. Além de mostrar que são poucos os alunos de universidades socialmente comprometidos, a pesquisa indica a falta de tempo (41%) como o principal empecilho para a não-participação dos estudantes nessas iniciativas, seguido da falta de oportunidade ou de convite (33%), e desinteresse ou comodismo (31%). Mesmo assim, grande parte dos entrevistados (94%) afirmou que deseja participar de algum projeto social.

país, situação que dificulta em muito a identificação e o conhecimento das atividades desempenhadas por esses importantes personagens da história esportiva do Brasil.

Segundo o Atlas do Esporte Brasileiro, o trabalho voluntário no contexto esportivo nacional começou a se desenvolver através dos clubes formados em sua base por imigrantes oriundos da Europa. Com características comunitárias e por vezes assistenciais, muitos foram fundados a partir da primeira metade do século XIX. Estas entidades na sua origem refletiam a busca de identidade local, grupal e étnica – sobretudo as de raízes alemãs e italianas – que se reproduziu posteriormente entre imigrantes libaneses, japoneses, israelitas, etc., como também nos próprios brasileiros, portugueses e espanhóis.

Concentrados nas principais cidades brasileiras – principalmente, Rio de Janeiro e São Paulo - esses imigrantes contribuíram direta ou indiretamente para a disseminação dos esportes em geral e para fundação de clubes esportivos, em especial de futebol. É dessa época a formação das primeiras agremiações, tais como o São Paulo Futebol Clube (1935), Fluminense (1902), Grêmio Porto Alegre (1903), Botafogo (1907), Internacional (1909), Flamengo (1911), Corinthians (1910) e Palmeiras (1914). (RIBEIRO, 2003)

Neste contexto, D' Aiuto (2004) faz importantes revelações sobre a natureza dos clubes esportivos brasileiros e sua relação com a prática do voluntarismo nestas incipientes instituições.

Como tais, os primeiros clubes brasileiros foram recreativos e esportivos propiciando a atuação de indivíduos envolvidos e motivados que se engajaram em funções internas do clube, gerando um voluntariado espontâneo mesmo em localidades pobres. Neste particular, há que se distinguir os clubes dos ingleses que se tornaram seletivos e aristocráticos, criando um modelo de associação esportiva que deu origem aos clubes brasileiros de elite nas grandes cidades, Rio de Janeiro e São Paulo em especial. De qualquer modo, o clube brasileiro, quer comunitário ou de elite, pobre ou rico, tornou-se um fato social importante no país até meados do século XX. (D' AIUTO, 2004, p. 334)

Vale destacar que muitos clubes recreativos foram fundados em todo o território brasileiro, mas poucos conseguiram sobreviver e alcançar destaque regional e nacional, devido às dificuldades financeiras de manutenção. Especificamente, os clubes de origem inglesa tiveram maiores oportunidades de se desenvolver devido as melhores condições financeiras de seus associados.

Contudo, a maioria dos europeus que havia se transferido para o Brasil era composta de homens pobres, socialmente excluídos de seus países originais que não conseguiram conciliar o trabalho voluntário nos clubes com suas atividades de subsistência.

No decorrer do século XX, a economia e a política, entre outros fatores, impactaram o esporte no mundo causando modificações estruturais em todo o espetáculo esportivo. No entanto, apesar de todas essas transformações, o esporte brasileiro se manteve, muitas vezes, um passo atrás dos grandes avanços da área, apenas incorporando e adaptando lentamente as influências externas. Assim ocorreu com a prática de novas modalidades esportivas, com o intercâmbio de atletas e comissão técnica, com a produção de produtos que atendessem a demanda dos esportistas e com a captação de eventos esportivos internacionais.

Atualmente, o voluntário esportivo no Brasil, dentro de suas limitações, tem desenvolvido atividades em três vertentes principais, sendo elas: as organizações do terceiro setor, as federações e associações esportivas e em eventos esportivos de caráter nacional e internacional.

Dentre as organizações do terceiro setor que possuem o esporte como objeto principal da atividade, merecem destaque as fundações criadas por ex-atletas brasileiros como: Ayrton Senna (Instituto Ayrton Senna); Raí e Leonardo (Fundação Gol de Letra); Bebeto e Jorginho (Instituto Bola pra Frente). Essas entidades têm como principal objetivo atender a crianças e adolescentes carentes fornecendo-lhes condições para que sejam agentes de transformação em suas comunidades.

Outro projeto relevante no cenário brasileiro que envolve uma organização do terceiro setor é o da Vila Olímpica da Mangueira. Proposta iniciada em 1987 no Rio de Janeiro por iniciativa da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira com o apoio financeiro da empresa privada Xerox do Brasil, a Vila Olímpica já atendeu mais de 30 mil crianças, sendo responsável pelo aumento dos índices de escolaridade das crianças do morro da Mangueira.

No que concerne ao voluntarismo nas federações esportivas brasileiras é importante salientar que o país tem passado nos últimos 5 anos por uma série de reformulações nas estruturas administrativas do esporte, resultado das exigências impostas por patrocinadores e pelo refinamento da competitividade no cenário esportivo nacional e internacional. Isso tem provocado um choque de gestão nas

federações de maior porte, exigindo a contratação de profissionais especializados e a capacitação do atual corpo de trabalho, seja ele assalariado ou voluntário.

Dentro das municipalidades, em alguns casos até mesmo nos limites dos estados e da União, muitos voluntários, na maioria ex-atletas, têm auxiliado de maneira consultiva e executiva para o desenvolvimento do esporte, conforme relata D' Aiuto (2004):

Se na perspectiva “consultiva” essa ação voluntária ocorre nos três níveis do poder público, na parte executiva, isso também ocorre por inúmeras motivações, sejam elas pela ausência de profissionais, por arranjos políticos, prestígio pessoal ou mesmo por economia. Muitos municípios ainda contam com sua Comissão Central de Esportes (CEE) ou denominações equivalentes, constituídas por voluntários, na maioria das vezes ex-atletas, que acompanham as delegações das respectivas cidades nos Jogos Regionais e Abertos do Interior, como é o caso do estado de São Paulo. Em alguns municípios de maior porte, essa estrutura de CEE “evoluiu” para a criação de “Fundações Esportivas” que também contam em seus quadros com inúmeros voluntários. Algo semelhante pode ser dito com respeito à própria estrutura do esporte amador do país, ainda constituída, em grande parte, por ligas municipais, federações estaduais e confederações no âmbito nacional: seus líderes atuam sem vínculo empregatício, sendo na maioria das vezes dirigentes esportivos voluntários. (D'AIUTO, 2004, p. 334)

Tal realidade também é observada em boa parte dos clubes esportivos. Os próprios clubes brasileiros possuem em seus conselhos, diretorias e principais escalões administrativos personalidades que fizeram parte da trajetória esportiva do clube ou ex-atletas de renome que trazem prestígio, dividendos e desenvolvimento para a entidade, de forma muitas vezes voluntariada.

Quanto ao voluntariado em eventos esportivos, tema central desta dissertação, é importante observar que a ausência de eventos esportivos especiais no país até 2002 (Jogos Sul americanos), excetuando a Copa do Mundo de 1950, enfraqueceu a criação de um amplo programa de voluntários que atuasse na organização de eventos esportivos especiais em território brasileiro.

A Copa do Mundo de 1950 foi um evento de grande porte para os padrões da época, contudo, não podem ser comparado aos megaeventos esportivos da atualidade, cujo as dimensões econômicas e sociais são muito mais amplas.

Cumprе salientar que os arquivos do Campeonato Mundial de Futebol (Copa do Mundo) realizada no Brasil, não possuem relatos sobre o trabalho de voluntários que tenham auxiliado na organização do evento.

A captação do megaevento esportivo Jogos Pan-Americanos, promoveu no Brasil, mas especificamente no Rio de Janeiro, a formação de um organizado grupo de voluntários. Atualmente, mais de 30 mil pessoas⁹ estão cadastradas como voluntários no banco de dados do Comitê Olímpico Brasileiro, sendo que alguns destes voluntários já estão atuando nos eventos preparatórios dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007.

2.3 Trabalho voluntário e Jogos Olímpicos Modernos

A utilização de um grande número de voluntários no desenvolvimento das mais diversas tarefas dentro da organização dos eventos especiais é um fenômeno que acompanha a evolução do espetáculo esportivo.

Com o desenvolvimento das competições internacionais e o maior interesse econômico e social pelos esportes, os gestores responsáveis pela organização destes eventos tiveram que se adaptar as novas demandas relacionadas, como o interesse constante da mídia, as exigências dos patrocinadores e a explosão do número de atletas, delegações e turistas. Essas crescentes necessidades promoveram a profissionalização de muitos setores dentro dos comitês organizadores de eventos esportivos internacionais e, conseqüentemente, o incremento no treinamento dos voluntários.

Em seu estudo sobre o voluntarismo nos Jogos Olímpicos, Moragas (2001), expõe que a evolução do trabalho voluntário pode ser analisada pela estrutura organizativa dos Jogos e suas transformações no contexto social externo ao evento. Quatro estágios básicos são definidos pelo autor:

1. Dos Jogos Olímpicos de Atenas 1896 à Berlin 1936: esta primeira fase é caracterizada pelo trabalho voluntário anônimo executado nas federações, clubes e na própria organização dos Jogos Olímpicos. A principal força de trabalho voluntário provinha de grupos como escoteiros e militares.

⁹ Informação obtida em entrevista com a coordenadora de voluntariado do COB, Paula Hernadez.

2. Dos Jogos Olímpicos de Londres 1948 até Montreal 1976: esta fase foi marcada pela situação política e social do período do pós-guerra. Muitos dos Jogos deste período foram realizados em países industrializados como forma de apresentar ao mundo o desenvolvimento político, econômico e social destas nações após a Segunda Guerra Mundial. Houve várias distinções e aspectos particulares nestas competições dependendo do país-sede e de sua tradição de ação voluntariada. A importância do trabalho voluntário continuou crescendo, grupos sociais como os escoteiros e os militares continuaram ganhando importância, embora o crescimento do voluntariado espontâneo começou a obter destaque.
3. Dos Jogos de Lake Placid em 1980 a Seoul 1988: é sem dúvida o momento em que o presente modelo de voluntariado olímpico começou a emergir. Nos Jogos de Lake Placid, os voluntários foram incorporados ao programa do comitê organizador e nos Jogos de Los Angeles o papel destes tornou-se fundamental. Os Jogos posteriores de Sarajevo, Calgary e Seul adotaram o trabalho voluntário, embora de diferentes perspectivas.
4. Barcelona 1992 aos Jogos de Sidney 2000: Este período consolidou o modelo atual de voluntariado olímpico que inclui um plano de gestão de recursos humanos para os trabalhadores voluntários que participarão dos Jogos.

A organização dos Jogos Olímpicos de Inverno de Lake Placid em 1980 foi um período chave para o aperfeiçoamento da ação dos voluntários de eventos esportivos. Isso se deve ao modelo inovador proposto pela organização destes Jogos que procurou aliar o planejamento prévio das ações dos voluntários ao espírito de colaboração altruísta, solidária e integrada proposta na filosofia do Olimpismo.

O corpo de voluntários era formado por pessoas de todas as esferas sociais: o grupo era composto por homens de negócios, estudantes, professores, donas de casa, médicos, advogados, mestres, idosos e adolescentes, esquiadores, fãs de Hockey, Bobsled e patinação – resumindo, homens, mulheres e jovens de todas as esferas sociais, além de oriundas de todos os Estados Unidos e também do mundo”. (MORAGAS, 2001, p.17, tradução do autor)

Os 6.703 voluntários¹⁰ dos Jogos de Lake Placid foram distribuídos entre diferentes esportes e departamentos organizacionais de acordo com suas habilidades e experiências. Desta forma, cada área específica pode trabalhar com seus próprios voluntários, promovendo a incorporação dos mesmos em ambientes de trabalho mais próximos de suas realidades.

Outra política dos Jogos de Lake Placid que demonstrou uma ruptura com os procedimentos tradicionais de treinamento de voluntários foi o tempo de preparação das equipes, conforme destaca Moragas (2001):

Os voluntários foram trazidos a Lake Placid para treinamento e orientação bem antes dos Jogos Olímpicos. Como exemplo, os marcadores de tempo, juízes, bandeirinhas de Hockey no gelo encontraram-se em Lake Placid em setembro de 1978 (um ano e meio antes dos Jogos) por uma semana de reuniões com responsáveis por segurança, saúde, imprensa, etc. (MORAGAS, 2001, p.19)

Contudo, cumpre ressaltar que alguns documentos que relatam o fenômeno do voluntariado Olímpico não consideram os Jogos de Lake Placid como o início do voluntariado moderno, concedendo tal status aos Jogos Olímpicos de Verão em Los Angeles devido à quantidade de voluntários utilizados.

Em Los Angeles 1984, o trabalho voluntário ganhou grandes dimensões, chegando ao número de aproximadamente 30.000 voluntários. Estes tiveram papel fundamental em diversas funções: assistência às competições, saúde, imprensa, acompanhando delegações e indivíduos, relações públicas, credenciamento, tecnologia e telecomunicações, transporte, controle de acesso, serviço de buffet, finanças, administração, entre outros.

¹⁰ Atuavam como oficiais de esporte, organizadores, mensageiros e marechais, atendentes, fiscais e animadores de público, datilógrafos, marcadores de tempo, juízes e jurados. Eles trabalhavam longas jornadas, recebiam uniformes, acomodação, refeições e um certificado oficial pela participação.

Em consequência do aumento potencial do número de voluntários, fato inédito no contexto dos Jogos Olímpicos, os organizadores deste megaevento promoveram uma série de inovações nos planos de treinamento para os voluntários.

O treinamento incluía elementos gerais e também desenvolvimento profissional específicos para cada uma das locações dos Jogos. O programa geral provia os voluntários com uma introdução ao movimento dos Jogos Olímpicos. Manuais de treinamento e uma série de vídeos facilitaram o processo de treinamento dos voluntários. O treinamento específico focava em diferentes campos esportivos, e os provia conceitos básicos para conduzir seus papéis satisfatoriamente. (MORAGAS, 2001, p.17, tradução do autor)

Apesar de todos os avanços que os Jogos de Los Angeles representaram para o aprimoramento do trabalho voluntário em eventos esportivos especiais, é preciso lembrar que as razões, por trás da decisão de seu comitê organizador de confiar nos voluntários, foi meramente de fundo econômico, já que inicialmente houve certa relutância em aceitá-los. (CLAPÉS,1995).

Assim, tão quanto é verdade que Los Angeles 1984 marcou um momento-chave na história do voluntariado Olímpico, em termos de número de voluntários e na gama de atividades conduzidas por eles, é também verdade que a motivação inicial dos organizadores era diminuir os custos de realização do evento.

Após os Jogos de 1984, as funções e o treinamento dos voluntários tornaram-se relativamente bem definidos e variando pouco até os Jogos Olímpicos de Verão de 1992¹¹.

Os Jogos Olímpicos de Barcelona 1992 tiveram papel importante para o desenvolvimento das ações do voluntariado em eventos esportivos ao consolidar um modelo de voluntário mais participativo e consciente da importância de seu trabalho individual para a execução do evento, desenvolvimento do esporte e do país.

No que concerne ao treinamento, merece destaque à iniciativa de recrutar os voluntários para os Jogos de Barcelona 1992 no começo do ano 1986, vários meses antes da nomeação oficial da cidade como anfitriã Olímpica. Essa política foi promovida no sentido de divulgar o interesse do povo espanhol (principalmente da Catalunha) na promoção do evento e garantir uma preparação efetiva, baseada em

¹¹ As inclusões foram, entre outras, a participação em festivais de arte por voluntários e atuação na abertura e encerramento de cerimônias.

treinamentos gerais e específicos, promovendo capacitação e motivação para atingir os objetivos previamente traçados. (GUERRIER, 2003)

Os Jogos Olímpicos de Sidney 2000, considerados pelo ex- Presidente do Comitê Olímpico Internacional, Juan Antônio Samaranch, como os Jogos Olímpicos mais bem organizados da fase moderna, foram o exemplo de maior sucesso do trabalho voluntário em eventos esportivos especiais.

Muito dessa conquista se deve a forma como este megaevento foi encarado pelas principais entidades públicas e privadas da Austrália. Para os australianos organizar de forma profissional os Jogos Olímpicos do ano 2000 era uma oportunidade ímpar de demonstrar ao mundo o desenvolvimento econômico e social do país.

De acordo com Pires (2001), a hospitalidade também se reflete na forma como o ser humano procura organizar e promover suas ações no sentido de receber em seu ambiente.

O exercício da hospitalidade engloba o estudo tanto do espaço geográfico de sua ocorrência – a cidade ou o campo – quanto dos aspectos que se relacionam direta ou indiretamente com seu desenvolvimento: o planejamento e a organização de seus recursos materiais, humanos, naturais e/ou financeiros. Implica, também, na preservação dos traços culturais, na manutenção das tradições sem, contudo, se afastar da evolução natural a que tudo e todos estão sujeitos ao longo do tempo, como tem sido apontado na literatura. (PIRES, 2001, p. 71)

Nesta perspectiva, demonstra-se aparente que o programa de voluntários dos Jogos Olímpicos de Sidney recebeu uma atenção especial por parte dos organizadores. Trabalharam nas três fases do evento (pré, trans e pós) cerca de 40.000 voluntários selecionados em 37 habilidades específicas e divididos em 25 áreas de trabalho. Vale destacar as inovações realizadas pela organização dos Jogos principalmente no pós-evento ao valorizar a participação do voluntário olímpico, reconhecendo publicamente o seu esforço em benefício do sucesso das competições. (CHALIP, 2001)

O programa de voluntários tinha muitos slogans, contudo, um deles tornou-se mais significativo, especialmente ao final dos Jogos: “os voluntários são a cara pública dos Jogos”. Essa se converteu na mais importante mensagem devido a projeção e a presença dos voluntários em todos os cenários desportivos, no sistema de transportes e demais estruturas relacionadas. (D’AMINCO, 2001, p. 4, tradução do autor)

CAPÍTULO 3 VOLUNTÁRIOS DO COB: UM ESTUDO DE CASO

3.1 O Comitê Olímpico Brasileiro

O Comitê Olímpico Brasileiro (COB) foi criado em 8 de junho de 1914, na sede da Federação Brasileira das Sociedades de Remo, no Rio de Janeiro, em uma reunião realizada por iniciativa da Liga Metropolitana de Esportes Atléticos, sendo este o primeiro comitê olímpico inaugurado na América do Sul.

No entanto esse Comitê, presidido por Fernando Mendes de Almeida, não chegou a funcionar devido ao início, nesse mesmo ano, da Primeira Guerra Mundial, que destruiu a Europa e impossibilitou a realização dos Jogos Olímpicos previstos para Berlim, na Alemanha, em 1916.

Somente em 20 de maio de 1935, o COB voltou a ser reorganizado, numa proposta dos representantes brasileiros no Comitê Olímpico Internacional (COI): ministro Raul do Rio Branco, Arnaldo Guinle e José Ferreira Santos. Iniciativa que contou ainda com o apoio e o incentivo do Conde Henri de Baillet-Latour, então presidente do COI. O primeiro presidente do Comitê Olímpico Brasileiro nessa nova etapa foi Antônio Prado Junior.

Mesmo antes de contar com um comitê oficial organizado, o desporto olímpico do Brasil já era reconhecido pelo COI. Em 1913, o brasileiro Raul Paranhos do Rio Branco foi eleito membro do COI. Em 1923, mais dois representantes do Brasil elegeram-se: Arnaldo Guinle e José Ferreira Santos.

A participação efetiva do Brasil no Movimento Olímpico ocorreu em maio de 1913 quando o então ministro do Brasil na Suíça, Raul do Rio Branco, filho do Barão de Rio Branco, foi convidado pessoalmente por Pierre de Coubertin a participar do Congresso Olímpico Internacional em Lausanne e posteriormente a fazer parte do Comitê Olímpico Internacional na condição de representante brasileiro. (FRANCESCHI NETO apud RUBIO, 2005, p.14)

Outra prova do reconhecimento do Brasil como integrante do órgão internacional está no convite ao país para participar dos Jogos Olímpicos de 1920, em Antuérpia, na Bélgica. Dois anos depois, o COI aprovaria a realização dos Jogos Latino-Americanos, no Rio de Janeiro¹².

¹² A Realização dos Jogos Latino-Americanos, competição que fez parte das comemorações do Centenário da Independência do Brasil, em 1922, no Rio de Janeiro, teve a participação de Argentina,

Os Jogos Olímpicos de Antuérpia em 1920 levaram a uma mobilização dos dirigentes e atletas para organizar uma equipe que pudesse representar o Brasil. O Comitê Olímpico Internacional enviou o convite ao Comitê Olímpico Nacional, que por sua vez atribuiu à Confederação Brasileira de Desportos a incumbência de preparar os atletas para a competição. A relação amistosa entre a CBD e o CON não tardou a ser abalada, embora a delegação brasileira que foi a Antuérpia contasse com a presença do senador Mendes de Almeida, presidente do Comitê Olímpico Nacional e de Ariovisto de Almeida Rego, presidente da Confederação Brasileira de Desportos. (FRANCESCHI NETO apud RUBIO, 2005, p.14)

Foi a partir dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, que o COB, reorganizado, passou a ser o órgão responsável oficialmente pelas Delegações Brasileiras enviadas à competição. Antes disso, o órgão encarregado era a então chamada Federação Brasileira de Sports, criada em 1914 e depois transformada em Confederação Brasileira dos Desportos (CBD). (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004)

Os principais objetivos do COB são representar o Olimpismo e difundir o ideal olímpico no território brasileiro, além de organizar e dirigir a participação do Brasil nos Jogos Olímpicos, Pan-Americanos e Sul-Americanos e em outros da mesma natureza, ou realizá-los quando o Brasil for sede. Também é sua função representar o esporte olímpico brasileiro junto ao Comitê Olímpico Internacional (COI), mantendo relações com os comitês nacionais olímpicos de outros países e com as federações internacionais esportivas.

De acordo com a última versão do seu Estatuto, ano de 2004, o Comitê Olímpico Brasileiro é uma associação civil de natureza desportiva, pertencente ao Movimento Olímpico, de utilidade pública, sem fins lucrativos, fundada em 8 de junho de 1914, na cidade do Rio de Janeiro, onde tem sede e foro, constituída em conformidade com os dispositivos regulamentares do Comitê Olímpico Internacional, e de acordo com a legislação brasileira, com completa independência e autonomia, fora de qualquer influência política, religiosa, racial e econômica. (ESTATUTO, 2004)

Isso caracteriza o COB como uma instituição do Terceiro Setor cabendo aos seus responsáveis respeitar as leis que regulamentam este setor da economia no país.

Fazem parte integrante do estatuto do COB às disposições contidas na Carta Olímpica, no Código Antidopagem e nas normas e regras do Comitê Olímpico

Internacional, da Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA) e da Organização Desportiva Sul-Americana (ODESUR), que, com direito supletivo, devem ser observadas e respeitadas pelo COB e por suas entidades filiadas, vinculadas e reconhecidas e que servirão, em caso de dúvida, como fontes de interpretação.

3.1.1 Jogos Sul-Americanos 2002, Jogos Pan-Americanos 2007 e o Programa de voluntários do Comitê Olímpico Brasileiro

Para entender os fatores que conduziram o Comitê Olímpico Brasileiro à organização de um amplo programa de voluntários é fundamental analisar os acontecimentos que se sucederam desde o projeto brasileiro de captação dos Jogos Pan-Americanos de 2007, passando pela realização dos VII Jogos Sul-Americanos em 2002 e pelo aceite da candidatura Rio-Pan 2007 por parte da Organização Desportiva Pan-Americana.

A história dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 começou em 1998, ocasião em que o Rio de Janeiro foi a única cidade que manifestou ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) o interesse em organizar os Jogos. (COB, 2003)

Em 2001, a prefeitura do Rio e o COB cumpriram todas as etapas do processo formal da candidatura, elaborando o Caderno de Encargos – que define os compromissos que a cidade-sede do Pan terá de cumprir¹³. (COB, 2003)

Assim, em abril de 2002, o Rio confirmava a sua participação na disputa, apresentando o dossiê de candidatura à Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA). Além desse documento, elaborado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e entregue a cada um dos representantes dos 42 países membros da ODEPA, foi apresentado um vídeo de apoio à realização do evento no país com a participação do então Presidente Fernando Henrique Cardoso, e dos quatro principais candidatos à presidência da república nas eleições nacionais de 2002. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2002)

No entanto, a disputa estava apenas no início. O Rio teve um forte concorrente, a cidade de San Antonio, situada no estado do Texas, berço eleitoral

¹³ Cabe destacar que dentro deste documento encontra-se um tópico específico sobre a utilização de voluntários na organização do evento.

do presidente dos Estados Unidos da América, George W. Bush – que ofereceu uma já desenvolvida infra-estrutura para receber o evento.

Em maio, o Rio de Janeiro apresentou seu projeto de candidatura na Assembléia Geral da Associação dos Comitês Nacionais Olímpicos (ACNO) em Kuala Lumpur, Malásia. Em junho, a ODEPA enviou às duas cidades candidatas uma Comissão de Avaliação e, mais uma vez, ficou evidente que a disputa seria equilibrada. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2002)

Entretanto, um importante fato proporcionou relevantes benefícios ao êxito da captação do evento para o Brasil.

A sétima edição dos Jogos Sul-Americanos, previstos para acontecer em abril de 2002 na cidade de Bogotá, capital da Colômbia, foi cancelada por motivos de segurança.

Quando já se cogitava a não realização do evento ou o seu adiamento para 2003, o COB se prontificou a receber os Jogos Sul-Americanos nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Belém. Graças à parceria com as Prefeituras (Rio, São Paulo e Curitiba) e com o Governo do Estado do Pará (Belém), em menos de quatro meses, estava pronta toda a estrutura para receber 4.650 participantes.

A edição muito bem-sucedida do evento, realizado de 1 a 11 de agosto, gerou excelente repercussão, não só entre os países sul-americanos, como também nas Américas do Norte, Central e Caribe. Atletas, árbitros, técnicos e dirigentes da América do Sul puderam conferir de perto as condições das instalações das cidades, principalmente do Rio de Janeiro, o que consolidou a capacidade de realização dos Jogos Pan-Americanos 2007. (COB, 2003)

Para a organização deste evento esportivo de grande porte foi montado todo um suporte logístico de apoio às delegações e representantes da ODERSUR, que contaram em todas as cidades-sede com o apoio fundamental de voluntários em funções como: transportes, protocolo, premiação, imprensa e acompanhamento das delegações (attachés).

Em cada uma das sedes do evento foram designados coordenadores de voluntários, ficando esta tarefa a cargo de: Luciane Bonaldo (São Paulo), Roberto Schimidt (Curitiba), Marcelo Costa (Belém), Paula Hernandez (Rio de Janeiro). Estes coordenadores atuaram no recrutamento, seleção e capacitação dos voluntários. Contudo, é digno de destaque a pouca articulação entre as coordenações de

voluntariado, visto que o material de apoio e as funções executadas pelos voluntários divergiam muito de sede para sede¹⁴.

No dia 24 de agosto de 2002, data da escolha da sede dos Jogos Pan-Americanos de 2007, a candidatura do Rio de Janeiro chegava fortalecida à Assembléia da ODEPA, na Cidade do México.

Representando a candidatura estavam o Prefeito César Maia; o então Ministro dos Esportes e do Turismo, Caio de Carvalho; o Secretário Municipal de Esportes e Lazer, Ruy Cezar; o Secretário Estadual de Esportes à época, Asfilófilo de Oliveira; o então Secretário Municipal de Turismo, José Eduardo Guinle, além do presidente do COB, Carlos Arthur Nuzman; e do Diretor de Relações Internacionais da candidatura, Carlos Roberto Osório.

Na apresentação final, foi destacado o legado social dos Jogos para o Brasil e para a América Latina, entendendo o esporte como fator de inclusão social. (COB, 2003)

O Rio consagrou-se vencedor na disputa pelo evento com uma margem expressiva de votos, demonstrando a confiança da comunidade olímpica internacional para com a cidade e a consecutiva execução da proposta apresentada.

Com a captação do megaevento esportivo Jogos Pan-Americanos 2007, o Comitê Olímpico Brasileiro iniciou todo um processo de organização do seu programa de voluntariado, visando a treinar e qualificar um bom número de pessoas durante o planejamento e realização dos diversos eventos esportivos preparatórios e conseqüentemente, ter um corpo de voluntários capacitado para as mais diversas tarefas no Pan 2007.

Para Craig Mc Lachtey, principal executivo de operações das Olimpíadas de Sidney, o Pan é um dos maiores eventos do mundo. Por isso, vai gerar um impacto para a economia e imagem da cidade e do Brasil que se refletirá principalmente no setor do turismo. (O GLOBO, 2005)

Os Jogos Pan-Americanos é um megaevento que reúne numa mesma cidade mais de 10.000 atletas e 100.000 turistas numa competição que dura aproximadamente 17 dias. Os recursos disponibilizados para a sua realização ultrapassam 1 bilhão de dólares. (COB, 2005)

¹⁴ Informações cedidas em entrevista informal com a Coordenadora de voluntários dos VII Jogos Sul-

3.2 O programa de voluntários do Comitê Olímpico Brasileiro

A evolução do trabalho voluntário em eventos esportivos especiais nos últimos anos demonstra a expansão do esporte de alto-rendimento ao redor do mundo e a crescente necessidade da utilização do voluntariado como forma de garantir a sustentabilidade econômica e social das diversas ações relacionadas à organização do espetáculo esportivo.

No caso dos megaeventos esportivos, o direito de ser a sede das competições acaba atraindo, juntamente com o evento principal, uma série de outros torneios e solenidades técnicas imprescindíveis para a realização do megaevento, que se transformam no decorrer da preparação, em potentes mecanismos de análise dos diversos condicionantes do espetáculo, como: infra-estrutura, logística e recursos humanos.

No caso dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, a realidade não é diferente. Uma série de exigências devem ser cumpridas visando atender num período de 5 anos que antecedem a realização dos jogos, uma série de exigência impostas pela ODEPA e pelo próprio movimento olímpico internacional.

Neste sentido, a ação dos voluntários ganha relevante destaque, visto que esses atores são a principal força de trabalho para a execução dos muitos eventos esportivos especiais de responsabilidade do COB.

Pensando no desenvolvimento sistemático do trabalho voluntário em eventos esportivos e no megaevento Jogos Pan-Americanos Rio 2007 foi organizado dentro do Comitê Olímpico Brasileiro o primeiro programa de voluntariado brasileiro, voltado exclusivamente para a execução de tarefas em eventos esportivos.

O Programa de Voluntários do Comitê Olímpico Brasileiro foi criado oficialmente após a conquista do direito de sediar o Pan 2007.

Atualmente, trabalham nos diversos eventos esportivos organizados pelo COB cerca de 1200 voluntários. Estas pessoas não possuem um perfil socioeconômico homogêneo. Fazem parte deste universo, cidadãos das mais diversas classes sociais, idades e raças. Além destas pessoas, que já estão atuando desde 2002 nos eventos preparatórios do PAN, o Programa de Voluntários do COB possui um banco de dados com mais de 30 mil pessoas cadastradas.

De acordo com as coordenadoras, a missão do Programa de Voluntários do COB é selecionar, treinar e capacitar os voluntários para atuarem nos eventos esportivos da entidade, em especial, nos Jogos Pan-Americanos 2007. Porém, demonstrou-se aparente, por parte da gestora, a pouca importância conferida a elaboração do planejamento estratégico do programa direcionado para uma ampla discussão sobre sua missão, valores e visão, envolvendo nesta etapa a participação de seus colaboradores.

Determinar a direção estratégica significa criar a missão e definir os objetivos estratégicos, levando em consideração a visão e os valores da organização. Está relacionada a escolha, o destino e o caminho correto para a organização. Essa escolha requer um alto grau de compreensão do ambiente externo bem como uma avaliação correta das capacidades e competências da organização. (ROSSI, 2004, p. 1)

Para Barwinck et al apud D'Aminco (1994), o aspecto fundamental a princípio, no processo de organização de um programa de voluntários é determinar a natureza da organização.

O voluntário deve perceber com clareza porque está fazendo o trabalho, conhecer seus objetivos pessoais e saber se estes estão em concordância com os objetivos da organização. Além disso, deve ter conhecimento de suas atividades técnicas, equipamentos e tempo de trabalho, bem como se obteve êxito na execução de suas atividades.

Cabe ressaltar que as gestoras do Programa de Voluntários não trabalham com uma metodologia específica de gerenciamento de voluntários apoiando-se em experiências obtidas na organização dos eventos do COB, realidade que dificulta, em alguns momentos, o melhor desenvolvimento do setor de voluntariado nesta que é a mais importante instituição do esporte Olímpico brasileiro.

Para Tenório (2004) é importante perceber que a maior parte das organizações sociais está invertendo seus modelos de gestão, caminhando da gestão social, cujo gerenciamento é mais participativo, dialógico e o processo decisório é exercido por meio de diferentes sujeitos sociais, para uma gestão estratégica, caracterizada pela ação social utilitarista, fundada no cálculo de meios e fins e implementada através da interação de um número menor de pessoas com maior conhecimento sobre o tema.

Contudo, apesar de pouco organizado administrativamente e sem possuir um modelo gestor definido, o Programa de Voluntários do COB possui um corpo de trabalhadores extremamente participativo que se motiva a cada evento, superando as dificuldades de implementação normais em uma organização tão nova. Devido a essa adesão, muitos voluntários são identificados como verdadeiros militantes da causa esportiva.

A "militância" dentro da ação voluntária, segundo Reis (2002), tem suas vantagens, pois a dedicação dos colaboradores ao trabalho se dá na medida de seu envolvimento emocional, político e ideológico com as propostas da organização. No entanto, pode ter seu lado negativo: nem sempre uma pessoa, por mais dedicada que seja, é a mais qualificada a desenvolver certas atividades, tornando problemático direcionar-lhe o trabalho de maneira mais produtiva.

No caso do voluntariado do COB está dupla realidade é nítida, no sentido que as principais políticas do programa são de inserção e integração dos mais diversos tipos de pessoas dentro do espírito olímpico, que é a filosofia da entidade, ficando em segundo plano a questão da qualificação para execução das tarefas.

Quanto à questão das capacidades técnicas dos voluntários, é digno de destaque o rigoroso cuidado da gestão do programa em adequar a qualificação de cada indivíduo com as atividades executadas pelos mesmos. Assim, os voluntários menos capacitados são selecionados para ações de menor exigência técnica, favorecendo a integração ao ambiente do evento e a motivação dos participantes.

Outro aspecto a considerar, ainda sob a ótica de Reis (2002), é que militantes podem não aceitar com facilidade a necessidade de planejar o trabalho de forma mais sistemática, preferindo atuar a partir de seus próprios critérios e convicções. Se por um lado isto confere maior flexibilidade às organizações, pode também significar que os objetivos organizacionais estejam dispersos, perdendo o foco do que se pretende alcançar e as estratégias necessárias para concluí-las.

No ambiente interno do programa de voluntários do COB é notório o respeito e a dedicação dos voluntários quanto às tarefas delegadas pela coordenação geral. Tal realidade emana da própria liderança conquistada pelas gestoras do processo que permanecem sempre presentes nos eventos, auxiliando o trabalho dos voluntários, assessorado em suas dúvidas, escutando suas necessidades e, principalmente, valorizando a sua participação.

A questão da valorização da ação voluntariada nos eventos preparatórios dos Jogos Pan-Americanos 2007 é um dos pontos mais enfatizados pela coordenadora geral de voluntários do COB, Paula Hernandez. Segundo ela, parte do sucesso da sua equipe se deve a valorização do trabalho por parte de quase todas as pessoas que estão envolvidas nos eventos, sejam elas: atletas, imprensa, convidados vips, membros do COB, espectadores e outros voluntários.

Segundo Goldberg (2001) parte do sucesso da política de reconhecimento é descobrir qual a maneira mais adequada de homenagear seus voluntários, sobretudo aqueles que realmente se destacaram, sem diminuir o trabalho dos outros.

As políticas de reconhecimento e valorização devem servir como emulação e não como instrumento de competição. Um dos segredos para evitar esse risco é não deixar que o grupo de voluntários perca de vista a dimensão da solidariedade e da cidadania, o compromisso maior esperado de cada um com a promoção do bem comum. (GOLDBERG, 2001, p. 76)

Nem todas as ações visando o reconhecimento da atividade surtem os mesmos efeitos nas pessoas. Alguns voluntários sentem-se melhor quando os seus esforços são valorizados num círculo restrito de colegas, no trabalho ou na sua comunidade. Outros apreciam ver a sua história em jornais da cidade, servindo como exemplo para suscitar novas iniciativas.

No contexto internacional, a questão da valorização do trabalho voluntário no esporte foi bastante discutida durante o Ano Internacional do Voluntariado (2001) e no simpósio internacional “*Volunteers, Global Society and Olympic Movement*”. Neste simpósio foram apresentadas várias formas de reconhecimento do trabalho prestado pelos voluntários do esporte com destaques para as efetivas ações realizadas pela coordenação de voluntários dos Jogos Olímpicos de Sidney 2000: desfile dos voluntários pelas principais ruas da cidade, publicação de um livro sobre trabalho voluntário dentro da organização dos Jogos¹⁵, fixação dos nomes de todos os voluntários em um monumento erguido no parque Olímpico de Sidney. (CHALIP, 2001)

¹⁵ “*Living is Giving – the volunteer experience*”. Souvenir comemorativo organizado por Laurie Smith depois dos Jogos Olímpicos de Sidney 2000.

No caso do COB, ainda estão sendo estudadas as melhores formas de reconhecimento dos voluntários, não sendo nenhuma das propostas abordadas descartadas¹⁶. Contudo, deve-se ressaltar que o programa de voluntários do COB já teve seu trabalho reconhecido por entidades municipais e internacionais.

O Revezamento da Tocha Olímpica Atenas 2004, evento internacional que marca a passagem da chama Olímpica por cidades previamente definidas pelo COI, no Rio de Janeiro foi considerado o mais bem organizado dentre os realizados pelas 34 cidades que fizeram parte do trajeto mundial. A avaliação foi realizada pelos organizadores do Revezamento Mundial da Tocha Olímpica ligados diretamente ao Comitê Olímpico internacional.

Os principais pontos analisados pelos organizadores do Revezamento foram infra-estrutura, força de trabalho, proteção às marcas patrocinadoras, eficiência da comunicação dos valores olímpicos - e, principalmente, a capacidade de combinar todos estes itens. Segundo McCarthy, um dos responsáveis pelo revezamento mundial da tocha, o Rio fez isso melhor do que qualquer cidade tornando o evento extraordinário.

*O Rio teve 1,4 milhão de pessoas nas ruas durante o Revezamento da Tocha, pendendo em público apenas para Pequim, com 2 milhões, mas a avaliação dos organizadores foi de que houve muito mais emoção nas ruas cariocas. Além disso, o show de celebração que encerrou o dia, no Aterro do Flamengo, foi o melhor do mundo na avaliação dos organizadores.
(COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2005)*

Cabe ressaltar, que a passagem inédita da Tocha Olímpica pelo continente Sul-americano também foi responsável pela conquista do Troféu Beija-Flor, oferecido pela Organização não Governamental Riovoluntário ao programa de voluntários do Comitê Olímpico Brasileiro.

Assim como a passagem da Tocha Olímpica, que contou com o apoio fundamental de 500 voluntários, outros importantes eventos internacionais sob responsabilidade de organização do COB, têm sido utilizados na capacitação de voluntários. Entre eles destacam-se: Torneio Pré-Olímpico Mundial masculino de Pólo Aquático (2004); Etapa Final da Copa do Mundo de Natação (2004); Campeonato Mundial da Classe Finn (2004); 2ª etapa da Copa do Mundo de

¹⁶ Informação obtida em entrevista com a coordenadora de voluntários Paula Hernandez.

Pentlato Moderno (2004); 3ª etapa da Copa do Mundo de Ginástica Artística (2004); Conferência Internacional da Organização Desportiva Pan-Americana (2005); Copa do Mundo de Triatlon (2004 e 2005); Grande Prêmio Internacional Rio de Atletismo (2005); Travessia dos Fortes (2004 e 2005).

3.3 Estratégias de treinamento geral dos voluntários do COB

O programa de voluntários do Comitê Olímpico Brasileiro tem promovido iniciativas com o intuito de capacitar um grande número de voluntários para atuarem em seus eventos esportivos. O objetivo principal é possuir mão-de-obra qualificada para atender as diversas necessidades dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007.

Entretanto a falta de tradição no cenário esportivo brasileiro em captar competições de grande porte e utilizar-se de forma planejada do trabalho de voluntários nelas, restringe a incorporação de conhecimentos nesta área.

Essas dificuldades de implementação também têm ocorrido em novas instituições sociais brasileiras do terceiro setor ligadas a outros setores de atuação. Neste sentido, muitas dessas entidades vêm trabalhando com o propósito de superar o estranhamento inicial para lidar com projetos de natureza social, apoiando em instituições mais experientes, reconhecidas por sua seriedade e legitimidade, que auxiliam nas atividades operacionais, para as quais aquelas ainda não detêm competência organizacional.

O programa de voluntários do COB não trabalha com essa estratégia. Praticamente não existe contato entre o Programa de voluntários do COB e instituições tradicionais de voluntariado brasileiras. Muitas das ações propostas pela coordenação de voluntários fundamentam-se superficialmente em experiências internacionais de outras organizações esportivas, o que nem sempre proporciona os melhores resultados na execução das tarefas.

As principais estratégias de treinamento geral dos voluntários do COB, identificadas a partir das entrevistas e da observação participante são: as palestras de capacitação, os manuais de procedimentos técnicos e os eventos preparatórios e de teste.

3.3.1 Palestras de capacitação e manual de voluntários

As palestras são importantes mecanismos de capacitação dos voluntários do COB. A partir delas são transmitidas uma série de informações fundamentais para o trabalho do corpo de voluntários, como: Direitos e deveres; Aspectos gerais dos eventos; A importância da atividade voluntariada para o desenvolvimento do esporte e das relações sociais.

Para promover uma maior assimilação do conteúdo, os promotores desta estratégia têm procurado conhecer antecipadamente as características das pessoas que atuarão como voluntários nos eventos, a fim de facilitar o aprendizado. Esse procedimento é citado pelo Grupo de Estudos do Terceiro Setor (GETS)¹⁷ como uma das principais estratégias de capacitação de multiplicadores no setor voluntário.

Os critérios de seleção têm como objetivo ajudar os organizadores a identificar e selecionar indivíduos com maior potencial para aproveitar e que possam contribuir para a experiência de aprendizado. O perfil do grupo vai influenciar a estrutura e o conteúdo da oficina, bem como determinar as prioridades de aprendizagem. (PROJETO GETS, 2002, p.37)

No caso dos eventos esportivos organizados pelo COB, o principal aspecto enfatizado nas palestras de capacitação está relacionado à segurança das delegações. Existe uma grande preocupação por parte dos gestores, quanto a segurança dos atletas, técnicos e dirigentes. Neste sentido, vários procedimentos são transmitidos aos voluntários no intuito de se evitar contratempos que gerem prejuízos físicos e psicológicos a estes participantes, bem como danos a imagem da organização.

¹⁷ Em 1997, a partir de uma iniciativa do Conselho da Comunidade Solidária e da Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional (CIDA), veio ao Brasil uma missão com o objetivo de realizar apresentações da United Way Canada - Centraide Canada (UWC-CC) sobre a tecnologia canadense no Terceiro Setor a fim de que, posteriormente, organizações brasileiras viessem a formar parcerias para troca de experiências entre os dois países.

Desta missão formou-se em São Paulo um grupo que, reunindo várias organizações, decidiu estudar a temática do Terceiro Setor e do voluntariado, sendo conhecido informalmente como Grupo de Estudos do Terceiro Setor (GETS). Durante dois anos os membros do GETS e da UWC-CC elaboraram um projeto, conhecido como "Projeto GETS - United Way do Canadá - Capacitação no Setor Voluntário: aprendizado colaborativo em organizações brasileiras e canadenses", o qual foi desenvolvido com financiamento da CIDA, apoio da Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e com contribuições em espécie das organizações membros do Grupo de Estudos do Terceiro Setor.

Assim, no ambiente das palestras, os voluntários conhecem antecipadamente os tipos de identificação específicos do evento. Essas identificações referem-se a credenciais e camisas de cores diferenciadas que facilitam a locomoção e identificação dos trabalhadores de imprensa, atletas, staffs, patrocinadores, dirigentes, árbitros e dos próprios voluntários, evitando que áreas internas da competição sejam invadidas por pessoas desconhecidas que ponham em risco o sucesso do evento.

Outro ponto abordado nas palestras de treinamento geral são os aspectos técnicos relacionados às modalidades da competição. A coordenação do programa de voluntários expõe dentro deste mecanismo particularidades relacionadas à história das modalidades, o perfil dos principais atletas, as características da competição, as entidades do esporte (federações) envolvidas. Esse procedimento é importante para que o voluntário conheça de maneira ampla as características do evento em que irá trabalhar, os limites de sua atuação e todos os atores diretamente envolvidos.

No entanto, ao mesmo tempo em que existe uma grande preocupação com as questões técnicas do evento (cerimoniais, premiações, credenciamento, alimentação e traslado) voltadas às delegações, imprensa e convidados vip, praticamente não existem orientações que contemplem a hospitalidade aos visitantes e turistas, que também são parte integrante do espetáculo esportivo atual.

A proposta de treinamento geral dos voluntários dos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg 1999, adverte para a necessidade de bem receber atletas, turistas e visitantes transmitindo informações sobre o evento, a região e suas oportunidades de entretenimento.

O papel do voluntário dos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg começa em acreditar que o seu trabalho pode fazer a diferença na impressão que cada visitante e atleta terá sobre a cidade e o evento. (MANITOBA TOURISM EDUCATION COUNCIL, 1998, p. 73, tradução do autor)

Cabe ressaltar, que o manual de treinamento dos voluntários do Pan 99 elaborado por uma entidade diretamente relacionada ao turismo, a *Manitoba Tourism Education Council*, reforça a tendência internacional da utilização dos megaeventos esportivos como plataforma de desenvolvimento da atividade turística,

e a preocupação dos organizadores em bem receber os visitantes internacionais que acabam se dirigindo a seu país em busca desse tipo de lazer.

Uma iniciativa recente dentro das palestras do programa de voluntários do COB é a exposição de vídeos motivacionais cujo tema central é a atuação dos voluntários em eventos esportivos ao redor do mundo. Esses vídeos também apresentam depoimentos de alguns deles, ressaltando a importância do trabalho voluntário para o desenvolvimento pessoal e dos esportes em suas cidades.

Segundo a cartilha do Projeto GETS de treinamento de facilitadores para o terceiro setor, a definição das atividades a serem desenvolvidas é de grande importância, pois determina a atmosfera das palestras em termos de energia, motivação e expectativas para o resto do tempo em que os voluntários e a coordenação irão passar juntos.

Um dos aspectos de maior relevância dentro do treinamento de capacitação do COB é a disposição dos voluntários em aprender mais sobre os eventos esportivos e atividades relacionadas, bem como a hospitalidade que existe entre eles.

Durante a realização da observação participante, foi identificado o clima de integração entre os voluntários que atuam nos eventos, não importando a idade e os padrões culturais. Muitos acabam tornando-se amigos, e convidam outros colegas para fazer parte da equipe, criando um fluxo de pessoas que alimenta e fortalece o grupo. A integração também ocorre quando pessoas que nunca haviam participado de outras atividades como voluntários, muitas vezes de localidades externas a sede dos eventos, se conhecem durante as palestras de capacitação e trabalham juntas na realização dos eventos.

Contudo, cabe ressaltar que na maioria das palestras, devido ao pouco tempo disponível para apresentação dos temas, não existem atividades de apresentação dos voluntários que auxiliem na maior integração do grupo. A própria promoção dos valores propostos por Coubertin, base da Educação Olímpica, são deixados de lado no momento das palestras, circunstância que contraria as discussões internacionais sobre capacitação de voluntariado em eventos esportivos.

De acordo com as coordenadoras do Programa de Voluntários do COB as pessoas que atuam como voluntários em eventos esportivos de caráter Olímpico já possuem conhecimento prévio sobre o assunto.

Entretanto, durante a observação participante realizada no evento esportivo travessia dos fortes ficou aparente que a maioria dos voluntários entendem apenas superficialmente a proposta esportiva do Olimpismo, desconhecendo a aplicação desta filosofia no ambiente dos eventos esportivos.

No treinamento geral de voluntários dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004, por exemplo, alguns membros da Academia Olímpica Internacional, sediada na cidade de Olímpia na Grécia, auxiliaram na capacitação dos voluntários promovendo um maior entendimento dos valores chave do Olimpismo e sua aplicação no contexto dos Jogos Olímpicos.

Para Ayres (2003),

Um aspecto importante para a promoção do voluntariado é a ênfase em parcerias, trocas e intercâmbios para alcançar, dentre outras coisas, ações voluntárias que tenham condições de enfrentar as demandas da sociedade. É muito difícil pensar em uma ação voluntária que seja realizada isoladamente, sem a participação de duas ou mais pessoas no processo. Interação e troca de informações, conhecimentos e experiências são inerentes ao voluntariado. (AYRES, 2003, p.43)

Um método de aprendizagem, também utilizado pela coordenação do programa de voluntários do COB nas palestras de capacitação, é facilitar que as pessoas exponham suas experiências e opiniões a respeito das atividades a serem realizadas. Em muitos momentos, essas opiniões acabam melhorando a eficácia dos serviços.

Descobrir a riqueza de experiências e recursos dentro do grupo é um começo motivador para qualquer processo de aprendizagem. Ao reforçar aquilo que as pessoas já sabem, novas questões e estruturas podem ser integradas a opiniões existentes, levando à criação de níveis mais profundos de compreensão. (PROJETO GETS, 2002, p.20)

Cumprе salientar que em alguns momentos a liberdade dada aos voluntários no ambiente das palestras e reuniões se reflete na operacional dos eventos, gerando, em alguns casos, problemas como comportamento inadequado, falta de postura diante da organização, atletas e público, e extravasamento nos limites de atuação dos voluntários.

A questão da etiqueta nos eventos esportivos, principalmente relacionada a recepção de atores internacionais, é pouco trabalhada no programa de voluntários.

Essa lacuna, no caso do COB, é reflexo do senso comum da organização sobre a atitude hospitaleira do brasileiro, no caso o voluntário, que segundo as gestoras supera possíveis conflitos culturais no ambiente do esporte.

Holanda (1995) expõe que

A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro [...] (HOLANDA, 1995, p. 146)

Entretanto, tal característica precisa ser mais bem estudada, no sentido de entender até que ponto a hospitalidade dos voluntários consegue manter positiva a imagem do evento e da cidade-sede, quando existem problemas estruturais na organização das atividades relacionadas.

No contexto dos eventos esportivos especiais, o grande número de voluntários a serem capacitados, a distância entre a sede do evento e a cidade onde alguns voluntários habitam, a falta de tempo e recursos financeiros são fatores que dificultam o processo de capacitação no que concerne à realização de palestras e oficinas. Visando superar esses problemas, sem que haja perda na interlocução entre organizadores e voluntários, algumas entidades esportivas, como os comitês organizadores de megaeventos, vêm procurando agilizar os processos de treinamento, utilizando-se de tecnologias de informação como treinamento à distancia (via Internet), cd-rom e manuais de voluntários.

De acordo com Goldberg (2001), em sua análise sobre a implementação de programas de voluntários em empresas privadas, é extremamente válida a utilização de novas tecnologias no processo de comunicação interna.

A comunicação com o público interno pode efetivar-se através de inúmeras maneiras, da realização de reuniões periódicas ao uso de correio interno, correio eletrônico, jornal, vídeo-jornal, vídeo-conferência, rádio interno, mural etc. Cada empresa deve fazer o seu diagnóstico e identificar as modalidades de comunicação mais eficientes, conforme o perfil do público-alvo. (GOLDBERG, 2001, p.75)

O programa de voluntários do COB, ainda está estudando a viabilidade econômica dos cd-rom e da Internet como instrumento de capacitação à distância de seus voluntários. Vale destacar que a Internet já é um meio de comunicação muito

utilizado pela coordenação em relação ao cadastramento dos voluntários (banco de dados) e divulgação de informações internas referentes aos eventos.

O manual de voluntários do Comitê Olímpico Brasileiro, uma espécie de cartilha com as principais informações necessárias para o melhor desempenho dos voluntários, tem sido o principal material de consulta nos eventos esportivos do COB. Essa síntese aborda muitos temas fundamentais apresentados nas palestras de capacitação como: segurança, história da modalidade, regras, perfil dos atletas principais, entidades relacionadas, bem como outros assuntos complementares, mais específicos do evento como: datas, horários, local de realização, áreas de trabalho, equipamentos fornecidos, e a descrição das outras coordenações do evento.

O manual de voluntários do COB varia muito pouco de um evento para o outro. As modificações estão relacionadas às modalidades esportivas e suas características, as datas, locais e as dimensões dos eventos. (Anexo 2).

Contudo, o material fornecido aos voluntários do COB possui algumas lacunas em sua confecção, são temas importantes não abordados, ou superficialmente apreciados quando comparados a manuais organizados por outros comitês de eventos esportivos internacionais.

O manual de treinamento geral dos voluntários dos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg 1999, por exemplo, enfatiza à atitude que os voluntários precisam ter diante pessoas com necessidades especiais, seja ela visual, motora, cognitiva, auditiva ou de fala. Esse procedimento visa a integrar pessoas portadoras de deficiência ao ambiente do evento, garantindo a elas as mesmas condições de interação dos outros visitantes.

Outro aspecto negativo no manual de voluntários do COB é a ausência de mapas geográficos que orientem a localização espacial do evento dentro da cidade-sede, facilitando o embarque e desembarque dos voluntários nos meios de transporte fornecidos até os complexos esportivos. Também não existe no material fornecido, ilustrações internas das arenas esportivas que contemplem áreas de alimentação, aquecimento dos atletas, imprensa, premiação, vestiários, camarotes dos convidados vip, entre outras.

Cabe ressaltar, que tal iniciativa, utilizada nos Jogos de Sidney 2000 auxiliou no posicionamento adequado dos voluntários nos ambientes internos da competição favorecendo a hospitalidade. (D'AMINCO, 2001)

A questão da diversidade cultural da cidade-sede é outro ponto relevante nos manuais de treinamento geral de voluntários, tendo ganhado elevado destaque após os Jogos Olímpicos de Barcelona 1992. O propósito de se inserir nos materiais dos voluntários, informações sobre a história, o folclore, a geografia da cidade, região e até mesmo do país anfitrião, surge do interesse de entidades públicas e privadas em fornecer condições para que os voluntários trabalhem como divulgadores da cultura local, promovendo um aumento da atividade turística nos períodos posteriores ao do evento esportivo.

Em relação ao COB, não existe atualmente nenhum tipo de proposta, seja nas palestras ou no material impresso, para o fornecimento de informações sobre a cultura da localidade em que será realizado o evento, tampouco sobre a atividade turística regional. De acordo com a entrevista realizada com a coordenadora geral de voluntários do COB, a questão da divulgação da cultura e dos atrativos turísticos deve ficar por conta dos órgãos públicos diretamente relacionados, ficando os voluntários do COB capacitados para questões técnicas diretamente relacionadas ao evento esportivo.

Dentro da organização dos eventos esportivos do COB existem algumas áreas em que se demonstra evidente a presença do voluntariado. Na maioria das vezes, essas ações ficam concentradas nos dias que antecedem e na data que é realizado o evento.

Neste contexto, destaca-se a ação dos voluntários das seguintes áreas:

- Transportes: São responsáveis pelo transporte das delegações, convidados vips, representantes de entidades do esporte, patrocinadores e dos próprios voluntários para as áreas de competição, aeroportos, alimentação, hospedagem e entretenimento.
- Attachés: São os voluntários responsáveis pelo acompanhamento integral das delegações esportivas em todas as suas atividades diárias. Atua no suporte das necessidades de todos os componentes da equipe esportiva.
- Alimentação: Atuam na montagem e entrega dos kits de alimentação fornecidos aos atletas no ambiente da competição. Muitas vezes são responsáveis

pela restauração dos próprios voluntários ou pela definição de quais estabelecimentos forneceram os alimentos a serem consumidos pelos mesmos.

- Secretariado: Têm suas atividades concentradas nos dias anteriores aos eventos atuando na organização e resolução de problemas referentes às inscrições, na montagem e entrega dos kits esportivos aos atletas, no provimento de informações relativas diretamente ao evento.
- Cerimonial: atuam na organização e entrega de todo material de premiação dos atletas e personalidades homenageadas.
- Recepção: sua função é receber os convidados especiais, atletas, delegações e o público participante nas áreas de competição, fornecendo as informações necessárias para melhor organização humana dentro do evento.

Cabe ressaltar que algumas atividades desenvolvidas pelos voluntários do COB são determinadas pelos eventos, variando de acordo com a modalidade em competição, o local do evento, as condições climáticas, o número de atletas e de espectadores, da cobertura dos meios de comunicação e da disponibilidade de voluntários.

Em eventos de maior porte é comum a utilização de voluntários que já possuam uma habilidade específica em áreas que exijam uma maior capacitação técnica para realização das tarefas. Os voluntários da área médica, por exemplo, deverão ser fisioterapeutas, médicos, enfermeiros, pois estão tecnicamente capacitados para esse tipo de função. O mesmo acontece em áreas como processamento de dados, relações públicas e imprensa, telecomunicações e segurança.

Contudo é importante observar que o voluntário quando bem instruído, pode trabalhar como um potencial divulgador do turismo regional e nacional.

Neste sentido, demonstra-se importante criar uma nova área específica de atuação para este tipo específico de agente, visto que sua ação pode otimizar a atividade turística previamente criada pelo evento esportivo, e se transformar em um verdadeiro legado econômico e social ao gerar divisas financeiras e conhecimento profissional.

3.3.2 Eventos preparatórios e eventos de teste

Eventos preparatórios é uma terminologia utilizada pelo Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, para identificar os eventos que fazem parte do calendário de preparação organizacional para o megaevento esportivo Jogos Pan-Americanos Rio 2007.

Segundo Carlos Roberto Osório, Secretário-Geral do Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos, os eventos preparatórios têm como principais objetivos preparar as equipes do Comitê Organizador dos Jogos Pan-americanos Rio 2007 (CO-RIO) e envolver a população com o evento multi-esportivo.

Com estes eventos preparatórios, estamos nos preparando de forma prática para o grande desafio que enfrentaremos em 2007. Desde já, o público pode viver o clima dos Jogos Pan-americanos, com a realização destes eventos preparatórios, que reúnem atletas e equipes entre os melhores do mundo. (OSÓRIO, 2005, p. 1)

De acordo com as coordenadoras do programa de voluntários do COB os eventos preparatórios são um dos elementos chave para o treinamento dos voluntários do COB, pois a experiência prática é uma das melhores formas de analisar as potencialidades, deficiências técnicas, limites físicos e características pessoais de cada voluntário. A partir dessa primeira análise o voluntário é direcionado para atividades em que ele demonstre ser mais apto, favorecendo a execução das tarefas no transcorrer do evento.

Esse aspecto dos eventos preparatórios é apontado como uma forma de identificar entre os voluntários aqueles que possuem qualidades relativas à liderança e que futuramente, em eventos de maior porte, possam transformar-se em supervisores de voluntários.

Dentro dos eventos preparatórios, os voluntários passam a ter contato direto com a estrutura da organização, sua filosofia e modelo de gestão. Bem como relacionamento profissional e pessoal com os atores envolvidos no segmento esportivo sejam eles membros do COB, profissionais terceirizados, dirigentes esportivos, representantes de instituições públicas, patrocinadores, atletas e comissões técnicas, imprensa esportiva e visitantes, construindo uma série de

relacionamentos positivos que proporcionam o desenvolvimento da hospitalidade no ambiente do evento.

A hospitalidade entre os próprios voluntários é também promovida no exercício prático dentro dos eventos preparatórios. Durante os períodos de trabalho, que muitas vezes são superiores à seis horas nos dias antecedentes as competições, existe uma grande proximidade entre os mesmos, proporcionada pelo dinamismo das atividades e pelos imprevistos, que geram uma constante troca de informações e auxílio nas tarefas, motivando e integrando os voluntários.

Contudo, é importante perceber que apesar dos eventos preparatórios serem importantes mecanismos de capacitação dos voluntários e de boa parte dos recursos humanos envolvidos na organização, eles não representam uma consistente simulação da realidade. Isto acontece no caso dos eventos preparatórios dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, porque os complexos esportivos e logradouros públicos utilizados não representam, na maioria dos casos, os locais oficiais de competição do megaevento de 2007, impedindo que os voluntários possam se familiarizar com os espaços oficiais dos eventos.

Em todo o mundo antes da realização de megaeventos esportivos como Campeonatos Mundiais, Jogos Continentais e Olímpicos, é um procedimento comum das principais entidades do esporte, como Comitê Olímpico Internacional, analisar toda a infra-estrutura da cidade-sede relacionada ao evento, o que inclui o sistema de transportes, as acomodações, o centro de imprensa e os complexos esportivos.

Atualmente, essas entidades também têm exigido dos comitês organizadores a realização de competições de grande porte nas instalações esportivas oficiais, recomendando que esses eventos ocorram de 18 a 6 meses antes do espetáculo principal. Esses eventos que avaliam toda a infra-estrutura organizacional de um ou mais complexos esportivos são chamados de eventos de teste.

Os eventos de teste provaram ser decisivos para assegurar a organização bem sucedida dos Jogos Olímpicos. Sua finalidade é colocar as instalações esportivas em teste em uma "situação Olímpica", com uso máximo de todos os recursos necessários, incluindo sistemas, arranjos e métodos previstos para os Jogos, dentro dos limites concedidos de tempo e gasto. (Comitê Olímpico Brasileiro, 2002, p. 75)

Uma comprovação da importância dos eventos teste para a organização de megaeventos esportivos e mais especificamente, treinamento dos voluntários, aconteceu ainda na década de 80, com a realização dos Jogos Asiáticos (1987) na cidade de Seul, capital da Coreia do Sul.

Em Seul a experiência prévia (nos Jogos Asiáticos) foi fundamental para a preparação dos voluntários para os Jogos Olímpicos em 1988. [...] Também é importante notar que dos 111.144 candidatos, 99.031 já haviam participado previamente como voluntários nos Jogos Asiáticos. Como resultado, o SLOOC decidiu preencher metade das vagas do staff disponível com voluntários (mais tarde, esse número subiu para 55%), com o intuito de aumentar a participação pública nos Jogos e reforçar o sentido de unidade nacional. (MORAGAS, 2001, p.68, tradução do autor)

Muito embora nem todos os eventos de teste possuam a importância de um evento continental como os Jogos Asiáticos, tampouco exijam um vultoso número de colaboradores e recursos financeiros, eles se transformaram na principal fonte de análise do andamento do planejamento estratégico dos megaeventos esportivos por parte dos representantes de federações esportivas internacionais.

Os eventos de teste dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 terão início em 2006. Já está confirmada a realização do Campeonato Mundial de Pentatlo Moderno, evento especial que será disputado na cidade do Rio de Janeiro, entre 13 e 19 de julho, no Jockey Club Brasileiro e no Clube de Regatas do Flamengo na sede da Gávea, áreas oficiais de competições desta modalidade nos Jogos de 2007. (CAVALCANTE, 2005)

Cabe ressaltar que nem todos os complexos esportivos dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 estarão aptos para a realização de eventos de teste, situação que pode gerar uma imagem negativa para o comitê organizador e para a própria cidade do Rio de Janeiro.

No que concerne aos eventos de teste, a coordenação do programa de voluntários do COB não esconde a importância dos mesmos para o treinamento final dos voluntários, mas confere aos eventos de teste o status de um ensaio geral que complementarmente as atividades previamente executadas. Segundo a coordenadora, o processo fundamental de treinamento dos voluntários está sendo realizado nas palestras de capacitação e nos sucessivos eventos preparatórios organizados pelo Comitê Olímpico Brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos eventos esportivos contemporâneos demonstra uma surpreendente ambigüidade no que se refere ao desenvolvimento das práticas esportivas. Se de um lado a questão econômica baliza a maior parte das relações entre os comitês organizadores, atletas, empresários e instituições públicas, não se pode deixar de destacar, o aumento sucessivo da responsabilidade dos agentes anteriormente citados para com questões de ordem social, inserção do esporte em comunidades carentes, legado de infra-estruturas esportivas e fomento de atividades sociais relacionadas ao esporte, paralelas ao evento.

Neste sentido, cabe apontar o papel dos organismos internacionais diretamente relacionados ao esporte que têm exigido das entidades organizadoras de eventos esportivos especiais ações no sentido da promoção de um esporte mais harmonioso e equilibrado, que contemple atividades recreativas, apoio dentro da estrutura comunitária e gere um estilo de vida saudável, facilitador da descoberta do desporto também como atividade de lazer.

A conquista do direito de sediar os Jogos Pan-Americanos em 2007 e uma série de outros eventos especiais que acompanham a preparação para este megaevento, impele ao Brasil e a cidade do Rio de Janeiro, anfitriões do evento, a construção de uma proposta Olímpica consistente, que incorpore inovação, competência e profissionalismo diante dos obstáculos e deficiências na estrutura econômica e social do país.

Este desafio, hoje vivido pela principal entidade do esporte Olímpico brasileiro, COB, e pelo Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 (CO-RIO) foi enfrentado por outras entidades esportivas internacionais, a partir da década de 80, período que marca o início do processo de espetacularização dos eventos e seus desdobramentos no ambiente do esporte.

Com vistas a atender as novas demandas e o crescimento exponencial das atividades relacionadas com a confecção de uma estrutura capaz de receber de forma equilibrada todos os atores envolvidos com os megaeventos esportivos, tem ganhado notoriedade, com o passar dos anos, a figura do voluntário esportivo, mais atrelado na atualidade aos comitês organizadores de eventos especiais.

Dentro do evento esportivo, o voluntário é um instrumento de formação e ampliação do capital social, sendo capaz de contribuir para que o espetáculo

aconteça de maneira mais integrada com o ambiente da cidade. Esse procedimento é importante, pois aproxima a população local, principal componente do programa de voluntários, do evento como um todo, evitando manifestações locais contrárias ao acontecimento.

Do ponto de vista econômico é notório que as relações geradas a partir da proximidade entre o voluntário e os diversos personagens envolvidos no evento, na grande maioria visitantes, sejam da própria cidade, de regiões próximas ou de nações exteriores ao país-sede, é um fator chave para o desenvolvimento do marketing de destino e conseqüente promoção do turismo, visto que o voluntário conscientemente ou não, acaba divulgando de alguma forma as características físicas e culturais da região.

Desta forma, cada vez mais ações no sentido de desenvolver um programa de treinamento dos voluntários que alie o desejo desses cidadãos de fazer parte do evento, qualificação técnica que potencialize os benefícios para com a organização e a cidade, e noções teóricas sobre o Olimpismo que promovam um maior entendimento sobre a importância do esporte para a integração de diferentes culturas demonstram-se fundamentais para um desenvolvimento integral da atividade voluntariada.

O Olimpismo é uma questão importante nas relações entre os voluntários no contexto do esporte. A interpretação e incorporação prática dos principais valores propostos nesta filosofia, o chamado espírito olímpico, facilitam a confecção de um ambiente mais hospitaleiro, em que as pessoas, na maioria das vezes, se respeitam e transformam as diversas atividades de trabalho relacionadas ao espetáculo em momentos extremamente prazerosos. Assim, o clima de integração interna entre os voluntários, acaba se refletindo no bom desenvolvimento das tarefas a serem executadas e na hospitalidade para com as demais pessoas envolvidas no espetáculo.

No meio esportivo internacional, existe um aparente consenso sobre a característica acolhedora natural dos brasileiros, principalmente em ambientes de festa, como os eventos midiáticos abertos ao público (gratuitos), muitas vezes realizados nas ruas da cidade. Neles, o desporto proporciona grande alegria e permite extravasar de maneira mais aparente as emoções em público. Neste ambiente, o voluntário passa a ter uma idéia ainda maior sobre a sua importância

para o evento, e o sentimento de que a sua ação nos bastidores é fundamental para o sucesso do espetáculo.

Contudo, na luz do rápido crescimento no número de voluntários, tudo menos que treinamento adequado e conhecimento das atividades representa risco para a organização dos grandes eventos esportivos.

Assim, equilibrar capacitação técnica sem perder a característica de militância e paixão, encontrando a ideal medida entre a carga de profissionalismo exigida dos voluntários e a inserção social de pessoas menos favorecidas no contexto do acontecimento demonstra-se o principal desafio dos gestores de programas de voluntários.

Mais recentemente, a necessidade de compatibilizar estas duas dinâmicas – militância e profissionalismo – tem se imposto às organizações sem fins lucrativos, como é o caso do COB, uma vez que as exigências de patrocinadores e outros grupos interessados apontam no sentido de dotá-las de instrumentos mais precisos de gestão, e transparência nos critérios de seleção junto ao crescente número de interessados em trabalhar como voluntário nos eventos.

Para que isto aconteça, as organizações podem valer-se dos conhecimentos já existentes sobre o desenvolvimento dos recursos humanos nos eventos esportivos e de sua própria capacidade em adaptar estes conhecimentos às suas características individuais, produzindo uma política de voluntariado adequada e atual.

O Programa de voluntários do Comitê Olímpico Brasileiro dentro de sua estratégia de capacitação geral tem procurado inserir o maior número possível de pessoas nos eventos especiais organizados pela instituição, com o objetivo de capacitar voluntários em um ambiente semelhante com o megaevento de 2007.

Tal estratégia prevê, também, os critérios a utilizar na seleção, contratação, desenvolvimento, incentivo e avaliação dos voluntários destes eventos, por parte da coordenação. Neste sentido, cabe mencionar que a vantagem de existir uma estratégia é que ela explicita, para todos os membros do programa, o que se espera de cada pessoa, seja qual for a sua função nos eventos.

Desta forma, cada voluntário do COB tem a chance de saber seus direitos e deveres, o que é esperado como contribuição individual, por que razões seu desempenho está sendo avaliado positivamente ou não, formas de superar eventuais dificuldades e assim por diante.

A evolução no treinamento do voluntariado do COB em seus eventos esportivos especiais tem demonstrado que essa participação enriquece o conhecimento dos voluntários quanto aos aspectos técnicos relacionados à organização de eventos e as modalidades esportivas, conferindo uma maior familiarização com o espetáculo e a filosofia da organização.

Os próprios eventos de menor porte organizados pela a entidade, na maioria das vezes sem cobertura da mídia, vêm promovendo o aprimoramento do processo de capacitação, uma vez que erros cometidos anteriormente são avaliados e corrigidos em simulações semelhantes com a realidade dos eventos mais divulgados.

Por outro lado, existem sérios problemas no treinamento geral dos voluntários do Comitê Olímpico Brasileiro.

Primeiramente, o importante cuidado dos voluntários direcionado as delegações, árbitros, imprensa convidados de honra e patrocinadores, não são estendidos, na maioria das vezes, ao público que frequenta os eventos. Aqui, demonstra-se importante mencionar que, ao mesmo tempo, que atletas e repórteres são importantes divulgadores externos das condições de realização do evento e do desenvolvimento da cidade, merecendo uma preocupação maior e mais focada por parte dos gestores, visitantes e turistas também necessitam de uma atenção especial, centrada na recepção destas pessoas que muitas vezes se deslocam por longas distâncias em busca de entretenimento e lazer.

Em relação ao COB, não existe atualmente nenhum tipo de iniciativa em trabalhar a hospitalidade dos voluntários em relação ao atendimento específico de turistas divulgando um pouco da cultura e dos atrativos da localidade em que será realizado o evento, sendo esta ação delegada as entidades públicas (União).

Contudo, a partir da observação participante realizada no evento esportivo Travessia dos Fortes 2005, observou-se que tal ação é perfeitamente possível no contexto da capacitação do voluntariado, devendo a coordenação dos voluntários criar estratégias no sentido de preencher esta lacuna.

O mesmo acontece em relação ao treinamento dos voluntários perante indivíduos com algum tipo de necessidade especial.

Neste aspecto, o programa de voluntários contraria a própria política de integração enfatizada pelas coordenadoras nas entrevistas, dificultando a inserção destas pessoas no ambiente dos eventos e no grupo de voluntários.

Mais uma questão que necessita ser revista é a elaboração do manual de voluntários do COB. A falta de mapas cartográficos que facilitem o deslocamento dos voluntários em suas atividades relacionadas ao evento, tanto no ambiente interno das estruturas esportivas como no contexto da cidade-sede merecem maior atenção por parte dos responsáveis, pois auxiliariam nas dificuldades enfrentadas pelos voluntários.

Neste sentido, cabe ressaltar, que o conhecimento das motivações e das necessidades dos voluntários representa uma ótima maneira de promover a melhoria contínua do treinamento, a medida que a coordenação passa a entender essas pessoas e proporcionar atividades que motivem e atendam as suas expectativas.

Os Jogos Pan-Americanos 2007 merecem da parte do COB e do CO-RIO uma política para que, em primeiro plano, a gestação e operacionalização do projeto, e depois o próprio evento, representem uma divulgação para a cidade e o país à altura da importância e repercussão deste megaevento esportivo.

Os eventos preparatórios e de teste devem ser encarados como instrumento de inclusão popular no processo de organização do Pan, através da integração de um grupo cada vez maior de voluntários de diversas faixas etárias e perfis sociais, alterando a concepção que prioriza o legado econômico dos Jogos.

A prática do voluntariado em eventos esportivos é um direito da população e não apenas uma plataforma para a performance dos melhores ou mais aptos.

Visto que, a verba destinada para a organização dos Jogos está sendo aos poucos viabilizada, é fundamental que os responsáveis pelo planejamento do voluntariado do COB, desde já, utilizem-na para a capacitação de pessoas que possam atuar como multiplicadores da filosofia Olímpica, criando um ambiente verdadeiramente hospitaleiro, dado que jamais houve no Brasil um momento mais adequado que o atual.

Os eventos esportivos especiais são uma oportunidade de incentivo ao esporte amador praticado nas comunidades, nos clubes e associações esportivas; de aumentar a consciência cívica e de participação, de motivar a criatividade e o talento de todos os segmentos da sociedade. Além de estímulo a professores, educadores, instrutores e todos que atuam em áreas afins.

O clima proporcionado pelos Jogos Pan-Americanos constitui também experiência de convivência democrática com outras culturas e tradições, já que milhares de turistas, nacionais e estrangeiros, visitarão o país.

Nesse contexto, o programa de voluntariado do COB, buscando ações que incorporam participação e espírito esportivo, característicos da cultura Olímpica, deve contribuir para fortalecer a imagem da cidade e do país frente à comunidade internacional, convergindo para o sucesso na captação de novos eventos no esporte e acontecimentos em diversas áreas.

No âmbito acadêmico, demonstra-se necessário retomar as palavras de Schwartz (2004) quanto à importância do estudo das competições esportivas, levando em consideração a dimensão social que os esportes assumiram na sociedade contemporânea.

O voluntariado em eventos esportivos especiais é um tema amplo para realização de pesquisas científicas, principalmente no contexto brasileiro.

Existe uma série de relações que envolvem o trabalho dessas pessoas dentro da atividade esportiva que ainda encontram-se obscuras, carentes por estudos que contemplem, por exemplo, a análise do perfil sócio-econômico dos voluntários e o desenvolvimento de estratégias para um melhor treinamento dos mesmos em eventos esportivos. Outra abordagem relevante é o tema voluntariado nos clubes esportivos brasileiros, visto que a bibliografia sobre o assunto é muito restrita.

Cumpramos ressaltar que o Lema de Coubertin, inspirado numa frase que escutara de um bispo norte americano “o importante não é vencer, mas, competir e, competir com dignidade” demonstra que todos os esforços deverão ser empreendidos na busca de eventos que contemplem um clima de hospitalidade, segurança e bem estar à todos envolvidos, sendo esses valores o verdadeiro Legado Olímpico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANNAN, C. **SPORT CONGRESS**. Congresso Internacional do Voluntariado. Laussane, v. 38, p.4, 2001.

AÑÒ, V. La importancia del voluntariado en un gran evento: El programa de Almería 2005. **Actas Del Congreso Internacional Andalucía Tierra Del Desporte**. Sevilha, v. 2, Consejería de turismo y desporte, 2003.

AMBRÓSIO, V. O marketing como ponto de partida para a elaboração de projetos de cidades candidatas a jogos olímpicos. In: TURINI, M. & COSTA, L. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

ALLEN, Jonhy. **Gestão e organização de eventos**. Trad. Marise Philbois Toledo. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BETTIOL JÚNIOR. **Formação e destinação do resultado em entidades do terceiro setor: um estudo de caso**. Tese de Doutorado (Administração – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.

BLANC, Xavier. Managerial functions relating to the management and leadership of sports volunteers. In: MC ALOON, John. **Volunteteers, Global Society and the Olympic Moviment**. Simpósio Internacional, Laussane, 2001.

BAPTISTA, I. Lugares de hospitalidade. In: Grinover, L. Hospitalidade, um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, Célia Maria de Moraes. **Hospitalidade Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

CARDOSO, Maurício. **100 anos de Olimpíadas**. São Paulo: Scritta, 1996.

CANTON, A. Os eventos no contexto da hospitalidade – um produto e um serviço diferencial. In: DIAS, Célia Maria de Moraes. **Hospitalidade Reflexões e Pespectivas**. Barueri: Manole, 2002.

CARUSO, A. Case Xerox – Esporte como Fator Educativo. **Anais do Seminário INDESP de marketing esportivo**. Instituto Nacional de Desportos, Brasília, 1996.

CARVALHEDO, A. Revisitando os temas de viagem e turismo para a escolha da cidade sede dos jogos olímpicos usando métodos da revisão histórica e do Benchmarking In: TURINI, M. & COSTA, L. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

CASHMAN, Richard. The University as Recruiting Agency: the Second Level of Volunteers (Opportunities and Issues). In: MC ALOON, John. **Volunteteers, Global Society and the Olympic Moviment**. Internacional Simposium, Laussane, 2001.

CHALIP, Laurence. Sydney' 2000: Volunteers and the organisation of the Olympic Games: Economic and Formative Aspects. In: MC ALOON, John. **Volunteteers, Global Society and the Olyimpic Moviment**. Simpósio Internacional, Laussane, 2001.

CLAPÉS, Andreu. Voluntaris'92. **La gran festa de la participació**. Barcelona : 1995.

CODEA et al. Uma perspectiva histórica sobre os jogos olímpicos: da pré-hisória dos jogos a Barão de Coubertin e o Ideal Olímpico. In: TURINI, M. & DaCOSTA, L. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

CORULLÓN, Mónica. **Trabalho Voluntário**. Publicado pelo Conselho da Comunidade Solidária, 1996.

CRUZ, José. Potencial ilimitado. **Correio Brasiliense**, Brasília, 10 dez. 2003. Esportes, p.30.

CRUZ, R. Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais". In: DIAS, Célia Maria de Moraes. **Hospitalidade Reflexões e Pespectivas**. Barueri: Manole, 2002

DA COSTA, L. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

D' AIUTO, Andréia; Bramante, Carlos. Voluntariado no esporte. In: DaCOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DIAS, Célia Maria de Moraes. O modelo de hospitalidade do hotel Paris Ritz: um enfoque especial sobre a qualidade. In: DIAS, Célia M. M. (Org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. Barueri, SP: Manole, 2002.

DOHME, Vania. **Voluntariado equipes produtivas - Como liderar ou fazer parte de uma delas**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2001.

DOMENEGHETTI, Ana Maria. **Gestão do trabalho voluntário em organizações sem fins lucrativos**. Editora Esfera, 2001.

FOK, Timothy. Volunteers are the Sources of the Sport Culture. In: MC ALOON, John. **Volunteteers, Global Society and the Olyimpic Moviment**. Simpósio Internacional, Laussane, 2001.

GEORGIADIS, Kostas. A Framework for the Training of Volunteers in Olympism. In: MC ALOON, John. **Volunteteers, Global Society and the Olyimpic Moviment**. Simpósio Internacional, Laussane, 2001.

GETZ, D. **Event management and event tourism**. Nova York: Cognizant Communicationss Company, 1997.

GUERRIER, Yvonne; MULES, Trevor. **Gestão municipal do turismo**. Trad. Gleice Regina Guerra. São Paulo: Futura, 2001.

GOLDBERG, Ruth. **Como as empresas podem implementar programas de voluntariado**. São Paulo: Ethos, 2001.

HALL, C. M. **Hallmark Tourist Events: Impacts, Management and Planning**. John Wiley & Sons, Chichester.

HAYNES, P. Volunteers and Australian Olympic Committee. In: Mc Aloon, John. **Volunteteers, Global Society and the Olympic Movement**. Internacional Simposium, Laussane, 2001.

HONRUBIA, Maria Luisa. Volunteering versus Olympism. In: MC ALOON, John. **Volunteteers, Global Society and the Olympic Movement**. Internacional Simposium, Laussane, 2001.

JONES, C. **Mega events and host-region impacts: determining the true worth of the 1999 rugby World Cup**. International Journal of tourism Research, 2001.

KOFF, José Araújo. **Avaliando preliminarmente capacitação técnica, financeira e de gestão para a candidatura aos Jogos Olímpicos**. Coletânea de textos em estudos olímpicos. Editores Marcio Turini, Lamartine DaCosta. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

LANCELOTTI, Sílvio. **100 anos de Jogos Olímpicos**. São Paulo, Moderna, 1996.

LANDIM, L., SCALON, M. C. **Doações e trabalho voluntário no Brasil: uma pesquisa**. 7 Letras : Rio de Janeiro, 2000.

LOVIOLO, H. Esporte competitivo e espetáculo esportivo. In: Moreira, Wagner W. **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Unimep, 2000. p. 15-39.

MANDELL, R. **Sport: a cultural history**. New York: Columbia University Press, 1984.

MATIAS, M. **Organização de Eventos: procedimentos e técnicas**. Barueri: Manole, 2001.

MC ALOON, John. **Volunteteers, Global Society and the Olympic Movement**. Internacional Simposium, Laussane, 1999.

MC DUFF, N. Episodic volunteering In: CONNORS, T. **The Volunteer Management Handbook**. Nova York: John Wiley & Sons, 1995.

MORAGAS, M. Evolution of the Olympic Volunteers in the Olympic Games. In: MC ALOON, John. **Volunteteers, Global Society and the Olympic Movement**. Simpósio Internacional, Laussane, 2001.

MORCEF, Nilma. Introdução ao conceito de hospitalidade em serviços de alimentação. In: DIAS, Célia Maria de Moraes. **Hospitalidade Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

OTÁNEZ, Jorge. Deporte Competitivo y Espectáculo Deportivo. In: MOREIRA, Wagner W. **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Unimep, 2000. p. 15-39.

PIRES, Mário Jorge. **Raízes do turismo no Brasil: hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX**. São Paulo, Manole, 2001.

PIRES, G. Olimpismo e Ideologia – o desporto a serviço da humanidade. In: TURINI, M. & COSTA, L. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

PROJETO GETS. **Capacitação do setor voluntário no Brasil: aprendizado colaborativo em organizações brasileiras e canadenses**. São Paulo: United Way do Canadá, 2002.

PRONI, Marcelo. **Esporte-Espectáculo e Futebol Empresa**. Tese de Doutorado em Educação Física - UNICAMP, Campinas. 2002.

REIS, JAIR. **Trabalho voluntário e os direitos humanos**. Monografia (Pós-graduação em Direito Humanos e Direitos dos Cidadãos) - PUC Minas, Belo Horizonte. 2002.

SELWYN, Tom. Sociologia da hospitalidade. In: LASHLEY, Conrad. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. Barueri: Manole, 2004.

TAVARES, Otávio. **Esporte, Movimento Olímpico e Democracia: o atleta como mediador**. Tese de Doutorado (Educação Física - Universidade Gama Filho), Rio de Janeiro. 2003.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. **Gestão de ONGs: principais funções gerenciais**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

TEODÓSIO, A.S.S. Programas de incentivo ao voluntário: novos desafios para ética gerencial. In: **Memórias de IV Congresso Latinoamericano de Ética, Negócios y Economía**. Buenos Aires: Associação Latinoamericana de Ética, Negócios e Economia, 26-27 de julho de 2001, p 17-27.

SITES DA INTERNET

AMINCO, R. **Importância de la organización y el voluntariado en la realización de mega-eventos deportivos.** Disponível em: <http://www.portaldovoluntario.com.br>. Acesso em: 15 mai. 2004, 16:45:30.

AYRES, Bruno R. C.. **Informação, Voluntariado e Redes Digitais/** Rio de Janeiro: PPGCI (CNPq/IBICT-UFRJ/ECO), 2003. Disponível em: <http://www.portaldovoluntario.com.br>. Acesso em: 15 maio 2004.

CAVALCANTE, Sérgio. **Rio será sede do Mundial de Pentlato Moderno.** Disponível em: <http://inema.com.br/mat/idmat022083.htm>. Acesso em: 20 dez. 2005.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Passagem da tocha Olímpica pelo Rio é eleita a melhor de todo o revezamento mundial. Rio de Janeiro, 21 fev. 2004. Notícias. Disponível em: http://www.cob.org.br/atenas2004/noticias/noticias_interna.asp?id=4126. Acesso em: 13 out. 2005.

DOHME, V. Voluntariado e sua administração nas Organizações Sociais. **Integração.** Disponível em: <http://integracao.fgvsp.br/ano4/5/administrando6.htm>. Acesso em: 18 out. 2005.

MINISTÉRIO DOS ESPORTES. **Política Nacional do Esporte.** Disponível em: http://portal.esporte.gov.br/destaques/politica_nacional_esporte.jsp Acesso em: 30 nov. 2005.

OSÓRIO, Carlos R. GP Rio de atletismo será realizado no estádio Célio de Barros. **Comitê Olímpico Brasileiro.** Rio de Janeiro, 5 dez. 2005. Últimas Notícias. Disponível em: http://www.rio2007.org.br/pan2007/portugues/sobre_eventos_atletismo_noticias_01.asp. Acesso em: 30 dez. 2005

ROSSI, Luiz R. A gestão para resultados como ferramenta administrativa para organizações do terceiro setor . **Integração.** Disponível em: <http://integracao.fgvsp.br/ano4/2/administrando.htm> >. Acesso em: 15 set. 2005.

SUASSUNA, Dulce. Técnicas de Investigação Científica – Pesquisa em Educação Física. **UNB.** Disponível em: http://www.unb.br/fef/downloads/dulce/tecnicas_de_investigacao_cientifica.ppt >. Acesso em: 20. jan 2006.

RUBIO, K. Da Europa para a América: a trajetória do Movimento Olímpico brasileiro. **Geo Crítica / Scripta Nova.** Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de noviembre de 2005, vol. IX, núm. 200. <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-200.htm> [ISSN: 1138-9788]

FONTES DE CONSULTA

CARTA OLÍMPICA. Lausanne: Comitê Olímpico Internacional, 2001.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, **Manual de procedimentos para postulação de aspirante à sede dos jogos olímpicos de 2012.** Rio de Janeiro: 2002.

FERREIRA, Waldir. **O Evento como Veículo da Comunicação Dirigida e Meio da Hospitalidade.** Palestra realizada na cidade de Águas de São Pedro no Centro Universitário Senac, 2005.

LEI DO SERVIÇO VOLUNTÁRIO. Número 9.608, Diário Oficial da União, 18/02/98.

MANITOBA TOURISM EDUCATION CONCIL. **XIII 1999 PAN AMERICAN GAMES VOLUNTEER GENERAL TRAINING MANUAL.** Winnipeg, 1999.

MANUAL DE VOLUNTARIOS DO COB. Rio de Janeiro, 2005.

PEDRINHA, Otacílio. O Esporte na volta do crescimento. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 23/10/03, Opinião, p. A-2.

QUEIROZ, A. **Correio Brasiliense**, Brasília, 1 dez. 2003. Opinião, p.9.

SWCHARTZ, Adriano. O processo civilizador do esporte. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 ago. 2004. Mais!, p.3.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Wagner de. Jovens carentes serão voluntários do Pan-Americano. **Povo do Rio**, Rio de Janeiro, Cidade, 29/08/2002, p. 3.

BARA FILHO, M. G. & DaCOSTA, L. P. A Concepção de Pierre de Coubertin sobre Educação Olímpica para os Trabalhadores: Uma abordagem atualizada. In: TURINI, M. & DaCOSTA, L. P., (orgs.) **Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002. p. 51-60.

BRUNET, Fernan. **Las Claves Del Exito**. Bellaterra: Serviço de publicações da Universidade Autônoma de Barcelona, 1995.

BUENO, Marielys S.; DENCKER, Ada de F. M. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003.

CAPE, G. Olympic Volunteering: Post-Olympic Prospects. In: MC ALOON, John. **Volunteteers, Global Society and the Olyimpic Moviment**. Simpósio Internacional, Laussane, 2001.

CENTRO DE ESTUDOS OLÍMPICOS DA UNIVERSIDADE AUTÔNOMA DE BARCELONA. Disponível em: < www.blueas.es>. Acessado em: março de 2004.

CENTRO DE VOLUNTARIADO DE SÃO PAULO. Disponível em: < [www.voluntaria do.org.br](http://www.voluntaria.do.org.br)>. Acessado em: março de 2004.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Disponível em: < www.cob.or.br>. Acessado em: março de 2004.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, **Dossiê XV Jogos Pan-Americanos – Rio de Janeiro Cidade Candidata**. Rio de Janeiro: 2002.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Disponível em: < www.ioc.com>. Acessado em: março de 2004.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, **Documento preparado pelo Departamento de Cooperação Internacional do Comitê Olímpico Internacional**. Lausanne:1999.

DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DA COSTA, L. O Olimpismo e o Equilíbrio do Homem. In: Tavares O. & DaCosta, L.P. (eds.) **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1999. p. 50-69.

DENCKER, Ada de Freitas (coord). **Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

DENCKER, Ada de Freitas; Bueno, Marielys Siqueira (org.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

FOSE – Fundation of Olympic and Sport Education. **Be a Champion in life**. A book of activities four youg people on the joy of participation and the important messages of the olympic idea. Atenas, Grécia, 2000.

GODBOUT, J. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro, FGV, 1999.

GOOGLE, Disponível em: < www.google.com>. Acessado em: maio de 2004.

ISHIY, Morupi. Turismo e Megaeventos Esportivos. **Turismo em análise**, São Paulo, v. 9, n. 2, nov. 1998.

JORNAL DO BRASIL, **História da Olimpíadas**, Rio de Janeiro, 1994.

KARLIS, G. **Volunteerism and multiculturalism: A linkage for future olympics**. The sport journal, volume 6, number 3. 2003. Summer, p. 1-9. Disponível em: <<http://www.thesportjournal.or/2003journal/vol6-no3/volunteerism.asp>> acesso em 5 maio de 2005.

LANZONI, I. The Volunteers During and After the Games. In: MC ALOON, John. **Volunteteers, Global Society and the Olympic Moviment**. Simpósio Internacional, Laussane, 2001.

MEIRELES, João. Programa de voluntários entra em pauta. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, Esportes, 22/07/2003, p. 12.

MINISTÉRIO DO ESPORTE E TURISMO. **Eventos esportivos internacionais: diretrizes para captação**. Brasília, 2002.

OLIVEIRA, Miguel, CORULLÓN, Mónica. **Proposta de Criação dos Centros de Voluntários – Relatório do processo de consulta**. Conselho da Comunidade Solidária: Rio de Janeiro, 1997.

OLIVEIRA, Miguel D. **Documento de Planejamento Estratégico do Programa Voluntários**. Programa Voluntários da Comunitas : Rio de Janeiro, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Expert Working Group Meeting – On Volunteering & Social Development**. Nova York, novembro, 1999.

PEREIRA, Jucimeire. **Requisitos para configuração de trabalho voluntário como mediador a partir da lei 9.608/98**. Monografia (Graduação em Direito)- Universidade Lauro de Camargo, Ribeirão Preto. 2000.

POIT, Davi Rodrigues. **Organização de Eventos Esportivos**. Londrina: Futura, 2000.

POUND, Richard. Volunteers and the Olympic Movement: Past, Present and Future. In: MC ALOON, John. **Volunteteers, Global Society and the Olyimpic Moviment**. Simpósio Internacional, Laussane, 2001.

PORTAL DO VOLUNTÁRIO. Disponível em: <<http://www.portaldovoluntario.org.br>>. Acesso em: 18 maio 2004.

REDE DE INFORMAÇÕES PARA O TERCEIRO SETOR. Disponível em:<<http://www.rits.org.br>>. Acesso em: 8 jun.2004.

RIBEIRO, Carlos. Voluntariado no esporte. In: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

SPÀ, Miquel de Moragas. **Television and the construction of identity: Barcelona, Olympic host**. London: Jonh Libbey, 1996.

SPORTS FEDERATION & HONG KONG, CHINA. The winning formula for recruiting and motivating volunteers. Disponível em:<http://www.hkolympic.org/articlewomen_and_sports_comission/203>. Acesso em: 3 jun.2004.

WALKER, J.R. **Introdução à hospitalidade**. Trad. Élcio de Gusmão Verçosa Filho. Barueri: Manole, 2002.